

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

GABRIELA SILVA CHAVES

CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO *INTESTINO*

UMA RECEITA DESMEDIDA PARA FAZER DAS TRIPAS CORAÇÃO

Porto Alegre

2019

GABRIELA SILVA CHAVES

**Construção do Espetáculo *Intestino* – Uma receita desmedida para fazer
das tripas coração**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Teatro.

Área de Habilitação: Direção Teatral

Orientador: Henrique Saidel

Porto Alegre

2019

GABRIELA SILVA CHAVES

Construção do Espetáculo *Intestino* – Uma receita desmedida para fazer das tripas coração

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso “Construção do Espetáculo *Intestino* – Uma receita desmedida para fazer das tripas coração”, elaborado por Gabriela Silva Chaves, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Teatro, com habilitação em Direção Teatral.

Porto Alegre, 9 de Janeiro de 2020

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Henrique Saidel

Prof.^a Dr.^a Patricia Leonardelli

Prof. Dr. João Carlos Machado

DEDICATÓRIA

Eu dedico este TCC

"Pra você que transforma

Acordo em acordes

A dor em roda

Pra você que transforma

Heavy em leve

Cansaço em canção

Pra você que transforma

Em mim o que virá em verão

Eu amo o meu amor até chegar no mar"

(https://www.youtube.com/watch?v=_1E4Ms8cnpQ).

Isso é uma música, mas eu dedico também a mim que desisti todos os dias e desisti de desistir também. Dedico as minhas entranhas, tripas de coração, cicatrizes e feridas abertas. Dedico as dores de vocês também. Dedico a esperança equilibrada que sabe que o show de todo artista tem que continuar (Isso é uma música também). Dedico a dedicação e empatia dos professores do curso de teatro. Dedico a todos que olham com carinho, afeto e amor quando é possível. Dedico aos que sabem perdoar e aos que se permitem amar. Dedico ao meu dedo só porque achei que os fonemas combinavam. Dedico aos mosquitos que não me deixaram dormir e por isso estou escrevendo esse texto. Dedico à lamotrigina e a enfermeira que segurou a minha mão no hospital enquanto os outros zombavam de mim. Dedico ao meu namorado, que me fez levantar para escrever quando eu achei que

não conseguia. Dedico aos meus pais que me amam incondicionalmente. Dedico à Neuza. Dedico ao meu futuro que já está acontecendo agora. Dedico ao Tom Zé que me inspira e ao Manoel de Barros que me voa fora da asa. Dedico aos meus antepassados que já viraram matéria orgânica e talvez até nesses mosquitos que mantiveram acordada. Dedico ao mar, porque é para lá onde vai toda a merda e a gente toma banho numa boa. E por fim? Dedico ao Sorinan que não me abandona (isso foi uma piada). Por fim mesmo, dedico com sinceridade porque tudo o que foi dito é verdade.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grupo que abriu o buraco da fechadura, e brilhou no palco: Bruno Busato, Bruno Fernandes, Ana Girardello, Claudia Carvalho e Rodrigo Teixeira. Agradeço à minha mãe Neuza, à minha mãe Penha, ao meu pai Zé. Agradeço ao Henrique Saidel meu orientador, à Patrícia Leonardeli, nossa paraninfa e Inês Maroco professora homenageada, mulheres que são grandes fontes de inspiração.

*Mas o que salva a humanidade
É que não há quem cure a curiosidade*

Tom Zé

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de direção teatral da UFRGS fala sobre o processo de construção e direção do espetáculo *Intestino*. Uma peça que mistura a verdade com a ficção assim como a biologia com a arte. É um grande apelo sobre como sermos saudáveis numa sociedade doente, usando de todos os nossos artifícios assim como receitas para transformar nossas tripas em coração, humor ácido de estômago, e claro: muito teatro!

ABSTRACT

This paper concludes the UFRGS theater direction course and discusses the process of building and directing the Intestino show. A piece that mixes truth with fiction as well as biology with art. It's a big call on how to be healthy in a sick society, using all our devices as well as recipes to turn our guts into heart, stomach acid humor, and of course: a lot of theater!

SUMÁRIO

- 1 INTRODUÇÃO – 12
- 2 DESENVOLVIMENTO – 14
- 3 CONCLUSÃO – 47
- 4 REFERÊNCIAS – 49
- 5 ANEXO / Texto de *Intestino* – 50

INTRODUÇÃO

A introdução do trabalho é sempre feita após tudo ter sido escrito, então aqui eu já vou adiantar para vocês que eu não sei começar. Decidi então começar pela sinopse do espetáculo, pois é sobre ele que irei falar:

Estruturada a partir do funcionamento do sistema digestivo, “Intestino” alimenta-se de uma história verídica e trágica ocorrida numa véspera de Natal como pretexto para expor a merda humana, no seu sentido metafórico e literal. Através de fragmentos que confundem o real com o fictício, queremos expor nossas entranhas – com humor e sem pudores.

Como relacionar o fazer teatral e a sociedade com a o sistema digestivo? Esse sistema sempre me fascinou por sua complexidade e por sua aparente incoerência. Pensando em tudo isso, decidi partir para a concepção do espetáculo:

O espetáculo “Intestino” é uma criação autoral do grupo e investiga na cena o cruzamento entre as noções de teatro, borrando seus limites, assim como a criação do humor a partir da tensão e relaxamento. A montagem traz à tona a reflexão sobre como nos mantermos saudáveis numa sociedade doente e a dramaturgia foi criada a partir de relatos coletados dentro e fora da sala de ensaio. Os fios condutores da

peça são uma história trágica e verídica ocorrida na véspera de natal e o funcionamento do sistema digestivo. O figurino é colorido, com cores solidas e contrasta com a luz na maioria branca e cenário que é cinza.

Comecei a introdução assim pelos motivos que já disse, e também tenho problemas em terminar, então a conclusão também pode ser um pouco confusa. Eu não tenho experiência em fazer trabalhos formais e decidi que não fosse (não tanto). Não sei sobre ABNT e essas coisas. Acho que essas formalidades são um pouco ultrapassadas e os seus limites devem ser borrados, mas isso já é outra história.

O ponto de partida da peça – “como se manter saudável” – foi um grande questionamento pessoal, além de um grande desafio, pois eu não estou e não estava saudável. Para minha sorte, o meu colega Bruno Busato, meu parceiro nesse estágio, (eu na direção e ele na atuação) e o meu orientador Henrique Saidel, me ajudaram a formatar esse trabalho para que ele ficasse mais bonito e apresentável, de forma a organizar esse caos. Só tenho a agradecer a esse ator talentoso e generoso, assim como ao Henrique sempre disposto e empático. Teatro é a arte do coletivo e nesse momento de escrita que muitas vezes é solitário, tive a presença de colegas e amigos me dando apoio.

Nesse trabalho, eu falo sobre o processo de construção do espetáculo *Intestino* e também sobre os métodos de direção, criando uma receita que talvez não sirva para outros espetáculos, e em alguns momentos eu posso até ter errado minhas próprias medidas. Uma receita de algo que não existe fórmulas, assim como ser feliz ou saudável. Eu estou terminando de escrever no dia 31 de dezembro, para o meu desespero e do meu orientador Henrique Saidel, mas já que cheguei até aqui, gostaria de citar Belchior: “Ano passado (2019) eu (quase) morri, mas esse ano eu não morro”.

DESENVOLVIMENTO

Vou começar explicando o meu próprio título: Porque intestino?

Por onde começar? Essa é sempre uma questão que me põe repleta de angústias. O que vem primeiro: O ovo ou a galinha? Para essa pergunta, eu sei a resposta: nas aulas de biologia do colégio, eu aprendi que o que vem primeiro é o ovo. O ovo existe muito antes da galinha pois seus ancestrais, na origem evolutiva, já eram ovíparos, ao exemplo dos répteis. Sempre me interessou muito a biologia e os processos biológicos. Interesse justificado por uma ânsia de tentar entender minha carne como a de um bicho, como matéria orgânica, e entender meu corpo como uma gangorra oscilante entre vida e morte. E saciar, também, a minha vontade de compreender a minha existência como parte de um mundo que se confunde em seus ciclos e repetições. Ironicamente, durante o processo de escrita, senti uma forte vontade de ir ao banheiro (eu praticamente já me sinto íntima de vocês que lerão meu trabalho, então não vou me prender às formalidades). Senti uma dor de barriga muito forte, peguei o primeiro livro que vi na minha frente e corri para o banheiro. O livro era de Arthur Schopenhauer. Abri aleatoriamente na página 69 – o que já achei sugestivo e instigou minha curiosidade (o que salva a humanidade é que não há quem cure a curiosidade) – e, enquanto minha barriga ainda doía, li um pouco sobre o que aquelas palavras diziam. E ganhei um presente do meu intestino:

Cada novo ser nascido entra em sua nova existência fresco e jovial e a frui como se fora um presente; entretanto não existe aí, e nem pode existir, nada de graça. Sua fresca existência é paga com a velhice e a morte de um ser já gasto, que deixa a vida, mas que continha um germe indestrutível do qual nasceu esse novo ser: as duas existências são no fundo uma única. Demonstrar a ponte que leva um ao outro seria com certeza dar a solução de um grande enigma. (SCHOPENHAUER, 2002, p. 69).

Arthur estava usando da biologia, talvez sem querer, e seus ciclos vitais para filosofar em sua metafísica, assim como eu que também uso a biologia na minha pesquisa. Porém, chego a um ponto onde ela não me basta, e preciso da arte e do teatro para complementá-la, numa espécie de relação simbiótica. Na biologia, simbiose significa uma associação de dois seres vivos, duas plantas ou uma planta e um animal, na qual ambos os organismos recebem benefícios, mesmo que em proporções desiguais.

Mas por onde começar? Qual o meu ponto de partida? Digo isso apesar de já ter começado, mas qual é o “ovo” da minha questão? Um dia, lendo um poema chamado *Mais Doce*, de Eucanaã Ferraz, me deparei com o seguinte verso: “... à condição mais intestinal, mais doce – a de quem cozinha...” (FERRAZ, 1961, p. 30).

De alguma forma, essas palavras ficaram ecoando na minha cabeça e foram o disparador para escolha do nome *Intestino*. Intestino é o nome de um órgão, mas também significa aquilo que é interno, as entranhas. Além disso, cada vez mais que eu pesquisava sobre esse órgão mais aumentava o meu interesse, pois me vi em um lugar polêmico e cheio de antagonismos. É nele onde absorvemos os nutrientes para a conservação das nossas vidas e também é nele onde produzimos material fecal, o resto, o que sobra, conhecido principalmente como merda. Seria o intestino o meu ovo?

O intestino, além disso, é um órgão que compõe o sistema digestório. Essa é outra questão que muito me interessa, pois acredito que o processo digestivo também pode ser aplicado no âmbito das ideias. Como digerimos o mundo onde vivemos?

De acordo com uma matéria publicada no site da revista Superinteressante, o intestino pode ser considerado o segundo cérebro:

Quase todo mundo é ansioso. Segundo a Associação Internacional de Controle do Stress (ISMA), 72% dos trabalhadores brasileiros são estressados. Mais da metade da população está acima do peso e tem problemas de sono – hoje se dorme 1h30 a menos, por noite, que na década de 1990. E nunca houve tanta gente, no mundo, sofrendo de depressão. De onde vem tudo isso? Cada um desses problemas tem suas próprias causas. Mas novos estudos têm revelado um ponto em comum entre todos eles: a sua barriga. Dentro do sistema digestivo humano existe o que alguns pesquisadores já chamam de “segundo cérebro”, com meio bilhão de neurônios e mais de 30 neurotransmissores (incluindo 50% de toda a dopamina e 90% da serotonina presentes no organismo). Tudo isso para controlar uma função essencial do corpo: extrair energia dos alimentos. Mas novas pesquisas estão revelando que não é só isso. Os neurônios da barriga podem interferir, sem que você perceba, com o cérebro de cima, o

da cabeça – afetando o seu comportamento, as suas emoções e até o seu caráter. (LISBOA; GARATTONI, 2016)



Ainda citando a mesma matéria publicada, *Seu segundo cérebro*:

Quando você coloca na boca aquela batatinha frita do boteco, provavelmente ignora a verdadeira alquimia que está prestes a ocorrer: ao final do processo, a batata será parte de você. Mágico, não? Mas, para que o feitiço ocorra, uma série de processos precisam estar sincronizados. Enquanto você mastiga a batata, o estômago começa a ser preparado para recebê-la. Assim que engole, os neurônios da barriga mandam liberar enzimas e sucos gástricos. São eles também que, algum tempo depois, decidem que a batata já foi suficientemente dissolvida pelo estômago, e pode seguir para o intestino (ou que, ao detectar comida estragada, fazem você vomitar). Ao mesmo tempo, outros neurônios mandam o intestino empurrar o bolo alimentar da refeição passada para abrir espaço. Quando sente que você já comeu o suficiente, o SNE manda o organismo parar de liberar grelina, hormônio que causa a fome. Algumas horas depois, ou no dia seguinte, ele avisa que é hora de ir ao banheiro. E só aí o seu cérebro reassume o comando. (LISBOA; GARATTONI, 2016).

Eu sou uma pessoa com depressão: será que o meu intestino contribui para esse processo? Considero essa uma questão fascinante, mas, se observarmos bem, ao ficarmos nervosos, ansiosos ou até mesmo apaixonados, o intestino responde, sendo com dor de barriga ou o famoso “frio na barriga” (dizem que o frio na barriga é a interrupção momentânea dos movimentos peristálticos do intestino). Voltando para

questão da depressão, não posso continuar a escrita deste TCC sem dizer que há pouquíssimo tempo, próximo à véspera de natal, cometi uma tentativa de suicídio. Eu não morri, obviamente, mas este fato atrasou ainda mais o meu processo de escrita. Um pouco antes de tomar um coquetel de remédios eu escrevi isso e não mostrei para ninguém até então:

Se o TCC é o trabalho de conclusão da faculdade, então ele diz muito sobre o que foi a minha trajetória: confusa, alcoólica e compulsiva. Perdi muitas oportunidades de viver plenamente usando algumas drogas e fugindo das minhas responsabilidades. Fugindo da minha doença que eu achava que poderia controlar, mas ela me domina cada vez mais. Eu não sei se eu consigo terminar a faculdade pois eu tenho vontade de viver e morrer ao mesmo tempo. Quando eu tenho vontade de viver eu tenho vontade de beber e usar umas “paradinhas”. E quando eu começo eu não consigo parar... Vivendo desta forma para onde eu vou? Sou uma pessoa cheia de predicados, mas estou faz dois dias fugindo da minha tarefa essencial que é fazer o TCC bebendo e usando cocaína. Eu tenho vergonha disso, o que vai me machucando cada vez mais. Tudo começou como uma pequena compulsão, que era pequena... mas nunca é. Antes era a comida agora é a bebida. Vou comprar só uma cerveja, vou dar só um teco, e por aí vai. Até eu perder o controle. A verdade é que eu nunca tive controle e não gosto de pedir ajuda. Como eu faço para essa vontade de morrer parar? Será que viver é bom com todas essas dores e injustiças acontecendo. O mundo está de cabeça para baixo, apesar dessa referência não existir pois a terra é redonda (alguns idiotas afirmam que não).

Logo após eu reli isso e senti pena de mim, porque é verdade. Tenho muitas pessoas para me ajudar e eu não quero fazer alarde. A grande verdade, mesmo, é que é difícil mudar. Mudar dói. Meu medo é tomar todos os remédios que tem no meu quarto e morrer. Meu medo é tomar todos esses mesmos remédios e viver. Viver e lidar com as consequências do meu ato. Eu estou cansada. Como conseguir ser melhor que isso? O pior eu já sei, mas qual o sentido de tanto sofrimento? Porque eu vim para essa vida para sofrer tanto (isso soa tão ridiculamente dramático). Eu ri, e depois chorei... Criei uma expressão nova para isso “chorrindo”. Eu agradeço a todas as pessoas que me amaram e eu amo vocês com toda a minha força. Não poderia amar mais minha mãe Neuza, meu pai, minha mãe e meu namorado. Vocês fizeram fazer minha vida ter sentido até agora e enquanto eu conseguir. Mas eu não vou morrer hoje, só preciso de ajuda.

Antonin Artaud – poeta, escritor, dramaturgo, ator e diretor de teatro francês – diz, no seu livro *O Teatro e seu duplo*, que a peste é uma espécie de sol, desta forma acredito que através da minha peste eu conseguirei atingir uma maior potência artística:

A aterradora aparição do Mal que nos Mistérios de Elêusis se dava em sua forma pura, e era verdadeiramente revelada, corresponde ao tempo negro de certas tragédias antigas que todo teatro verdadeiro deverá reencontrar. Se o teatro essencial é como a peste, não é por ser contagioso, mas porque, como a peste, ele é a revelação, a afirmação, a exteriorização de

um fundo de crueldade latente através do qual se localizam num indivíduo ou num povo todas as possibilidades perversas do espírito. Assim como a peste, ele é o tempo do mal, o triunfo das forças negras que uma força ainda mais profunda alimenta até a extinção. Há nele, como na peste, uma espécie de estranho sol, uma luz de intensidade anormal em que parece que o difícil e mesmo o impossível tornam-se de repente nosso elemento normal. (ARTAUD, 1999, p. 27).

O espetáculo *Intestino* surgiu tendo como ponto de partida a questão: “Como se manter saudável numa sociedade doente?”. A interrogação é o dispositivo para a criação de uma série de acontecimentos cênicos e ações cruzadas com temas transversais do cotidiano atual brasileiro, como o estado da saúde no Brasil, a corrupção política, o pânico coletivo frente à criminalidade, a irrupção do embate social diário entre elites e classes economicamente desfavorecidas (através de interações interpessoais, mas também de ações simbólicas como assaltos, estupros, entre outros), a emergência de discussões no âmbito do fanatismo religioso, do fortalecimento da moral cristã e da latente questão do preconceito em todas as suas facetas: quanto às questões de gênero, etnia, sexualidade, classe social, entre outras. Desta forma, permeando outros assuntos como a violência urbana, buscamos também gerar uma reflexão sobre quais artifícios usamos para tentarmos nos manter sãos em meio a situações de constante violência. Desta reflexão, surgiu a vontade de ter momentos festivos na encenação. Como eu disse antes, na minha carta de “quase suicídio”, fizemos uma peça “chorrindo”. Será que se manter saudável numa sociedade doente é manter o bom humor?

Para dar continuidade a essa escrita, revisei o pré-projeto do TCC escrito anteriormente, em 2018, e percebi que o meu ovo sou eu e que naquela época eu já tinha dificuldade para começar:

No momento estou inundada de ideias, como se o meu cérebro fosse uma pessoa que comeu demais, misturou doces com salgados, café com refrigerante, batata frita com sorvete, cerveja com vinho e cachaça, e claro, um pouco de salada e frutas para equilibrar. Tudo que foi ingerido mistura-se no ácido daquele estômago/cabeça e vira uma espécie de sopa de inspirações. Fica difícil começar por algum lugar, porque tudo agora faz parte da mesma coisa. Da sopa, do estômago, de mim. Do meu cérebro, das minhas abstrações, daquilo que me nutre e que me esvazia, da minha unha que está fraca e quebrou, da minha depressão, do meu peso, meus músculos, minha beleza e minha merda. Faz parte, também, do meu intestino que absorve e expulsa. Fica difícil começar por algum lugar, mas vamos (eu e todas as partes de mim) começar pelo início, não o início do universo, ou da minha vida, mas o início dessa digestão que eu pretendo fazer (não que seja relevante, mas no momento estou comendo uma paçoquinha).

Sempre tive uma relação complicada com a comida, por muitos anos fui bulímica, e repetia o mesmo ritual diariamente: Comer muito, induzir o vômito e dar descarga. Era como se eu quisesse ter o controle do meu corpo e não permitir que a digestão fosse feita corretamente e que aquilo tudo me atravessasse completamente. Eu comia de forma exagerada, mas ao mesmo tempo não queria que meu corpo se nutrisse daquele alimento. Não era só a comida que me afetava, eu tinha dificuldade de digerir o mundo. Ninguém se cura completamente desses absurdos, até porque o mundo nunca foi um alimento fácil de engolir. De certa maneira, foi na arte que eu encontrei suporte para enfrentar esse distúrbio e entender que ele não era só meu e sim sistêmico. Meu objetivo neste trabalho é romper alguns dos meus padrões e ao invés de continuar vomitando como antigamente, pretendo fazer a digestão completa, mesmo que para isso, eu tenha que sofrer algumas dores... de barriga.

Quando comecei a pensar nesse trabalho, me veio a seguinte questão na cabeça: “Como se manter saudável numa sociedade doente? ” Logo entendi que não teria como nos mantermos saudáveis, pois de forma alguma estamos saudáveis; eu pelo menos não. Não estamos psicologicamente, e muito menos fisicamente. Neste trabalho não pretendo dividir o físico e psicológico, mas como exemplo gostaria de salientar: Até mesmo as frutas, legumes e verduras, sinônimos de saúde e bem-estar, estão envenenadas por agrotóxicos. A maçã está pior que a da Branca de neve e muitos de nós estamos dormindo de olhos abertos e sem nenhum príncipe para nos acordar. Se a situação está tão caótica, a quem podemos recorrer? Não sei. Sou apenas uma atriz, aluna da faculdade de Direção teatral da UFRGS, tentando me formar.

E talvez eu possa ajudar minimamente alguém com isso. E esse alguém vale se for eu mesma.

Este texto foi escrito em 2018, antes da elaboração do espetáculo, mas já fazia algum tempo que este assunto estava sendo digerido por mim. Lembro de um texto que escrevi como tarefa a pedido da professora Celina Alcântara, talvez em 2017, e várias partes dele foram incorporados à dramaturgia do *Intestino*:

Que tipo de ator eu sou, penso que sou e/ou gostaria de ser?

Para falarmos de amor, precisamos falar sobre a sujeira, sobre a merda. De acordo com Slavoj Žižek que é um filósofo esloveno, nascido na antiga Iugoslávia, tendemos a pensar que a merda desaparece. Nós enviamos o lixo para o lixão e pronto, nós damos a descarga e adeus. Mas todos nós sabemos que a merda vai para todos os lugares e de alguma maneira ela faz parte do planeta e de nós. Žižek diz que se amamos o mundo em que vivemos de alguma maneira temos que amar a merda dele igualmente. Quando nos apaixonamos por alguém, porque só notamos as suas virtudes? O amor verdadeiro para Žižek é o contrário, é reconhecer a imperfeição. Aceitar a pessoa com todos os seus defeitos, e isso é uma aposta arriscada. O problema é que temos medo de nos apaixonar. Para nos apaixonarmos, procuramos alguém com características específicas. Não queremos assumir riscos! Quando idealizamos o amor, vemos o que queremos na outra pessoa. Não amamos as pessoas e sim a imagem que fazemos dela. E isso é negar a merda. É claro que nos agrada sonhar com um mundo sem lixo, mas a merda vai e vem todos os dias.

Ainda citando Žižek, no capítulo “objeto anal” do livro “O amor Impiedoso” o autor diz: a aparição imediata do interior é uma merda informe. A criança pequena que dá sua merda como presente está dando o equivalente imediato do seu interior. Não obstante, uma das formas que distingue os homens dos animais é que em nós humanos a eliminação da

merda torna-se um problema: não só por causa do mau cheiro, mas porque ela saiu do nosso íntimo. Temos vergonha da merda porque nela externalizamos nossa maior intimidade. Quando o nosso íntimo é diretamente externalizado o resultado é repulsivo. Um fato instigante é que elevamos o ato de comer a um ritual social sublime, esse mesmo ato é que ironicamente produz merda.

Quando falamos em merda no teatro, logo se faz a ligação com saudação que usamos antes de entrar em cena. Dizemos merda em alto e bom som! A expressão que nasceu da língua francesa, “merde”, provavelmente no século XIX ou século XX, se deu pelo fato de o público ter acesso à casa teatral por meio de carruagens a cavalos que, muitas vezes, amontoavam fezes em suas entradas. Muita merda era sinal de muito público. Então me dou a liberdade de dizer: se amamos o nosso público, amamos a merda que se amontoa como consequência. Tudo está interligado.

Resumindo, a merda faz parte do mundo, há merda nos outros (inclusive naqueles que amamos) e existe merda dentro de nós; ou seja, tem merda em todos os lugares. Negamos o lixo porque negamos os defeitos, esses mesmos “defeitos” que são equivalentes à nossa parte mais íntima. Esse íntimo que é repulsivo e fede. Como artista, e como ser humano, esse era o ponto que finalmente gostaria de chegar, eu não posso e eu não devo tapar meu nariz e respirar pela boca no exercício da minha arte e vida. É fundamental para um bom artista expor o seu interior, pois trabalhamos com a emoção e não existe nada mais íntimo do que um sentimento. O caminho que estou construindo como artista tem flores e fezes. E é esse tipo de atriz que eu quero ser, que amando verdadeiramente o seu ofício terá acesso às partes mais íntimas ao passo que não tem asco das imperfeições.”

Já falamos sobre o intestino, mas e o porquê da *receita*? Receita pode ser um valor que é recebido, arrecadado ou apurado como por exemplo a receita mensal, pode também significar um conjunto de rendimentos, mas esse não é o nosso caso, pelo menos não o financeiro.

Receita pode também ser a fórmula de uma prescrição médica, como medicamentos a serem tomados. Ela pode significar a fórmula para preparar alguma coisa, expondo os ingredientes e o modo de preparo. Ela também pode ser a indicação relativa ao modo de proceder, como uma espécie de modelo: receita de boas maneiras, a receita do sucesso, a receita para ser saudável ou a receita para ser feliz. Ela, entretanto, pode ser simplesmente a fórmula ou método para conseguir o melhor efeito ou resultado de algo.

E, no teatro, existe alguma receita? Existem fórmulas no fazer teatral? Existe uma receita para dirigir uma peça? Eu acredito que não. Não existem fórmulas fixas e pré-definidas. Podemos ter um repertório de procedimentos e um jeito mais definido de conduzir um trabalho, no ponto de vista da direção. Eu, por exemplo, ao dirigir o *Intestino*, me senti como se estivesse fazendo um bolo pela primeira vez

(antes de inventarem o bolo), experimentando os ingredientes e tentando chegar no melhor resultado com as minhas ferramentas. Às vezes, por exemplo, não temos uma batedeira e é preciso usar a força do braço junto da colher. Imagina quantas vezes a primeira pessoa que criou um bolo teve que experimentar para chegar no melhor resultado? De qualquer forma, vários são os fatores para se chegar no “melhor resultado”. Quantas vezes seguimos passo a passo os procedimentos e a receita acaba abatizada?

A sabedoria popular diz que é uma questão de “mão”. Algumas pessoas tem a mão boa para fazer comida. Será que tenho uma boa “mão” para direção? Se ela é boa ou não, não sei, mas tenho três pelo menos, duas eu estou usando para escrever esse texto, a outra eu coloco na consciência e penso se não estou falando merda (apesar de ter feito muitas ultimamente).

Escolhi o nome “receita” como uma das denominações deste trabalho pois cozinhar para mim também é um processo criativo, assim como construir um espetáculo. Podemos fazer uma comida sem receitas? Sim. É permitido inclusive criar sabores novos a partir da combinação de diferentes temperos, não que vá ser saboroso para todos pois cada um possui um paladar distinto. E no âmbito teatral, podemos fazer uma peça sem fórmulas prontas? Devemos. Neste trabalho, vou expor o que eu considero ser uma receita desmedida, listando alguns dos ingredientes adicionados para criar o espetáculo *Intestino*, assim como os procedimentos. Porém, é uma receita a ser desconstruída e repensada, assim como o resultado que também será mastigado, digerido, engolido, defecado e assim por diante, até virar alimento mais uma vez. Talvez eu não vá tão longe neste processo, mas gosto de pensar nas coisas como parte de um ciclo infinito.

Bom, eu expliquei o porquê da receita, mas e o porquê da *desmedida* compor a designação deste título?

Desmedida pode significar “sem medida”, algo que é praticamente impossível de ser medido; uma enormidade e exorbitância. Pode também significar o ato ou efeito de se desmedir, de exagerar ou de se exceder. O excesso é uma das características do espetáculo, por conta da grande quantidade de objetos em cena. Desmedida é também um termo da poética clássica que significa uma ação, medida da personagem que se mostrará equivocada, provocando sua peripécia. Uma das histórias, que é uma grande tragédia e faz parte de um dos pilares que constroem a dramaturgia da peça, é este relato a seguir, gentilmente cedido pela minha mãe e

que possui ações desmedidas. Os adolescentes, por exemplo, ao assaltarem a senhora idosa, ocasionando a sua morte por atropelamento, cometeram uma ação desmedida que mudará drasticamente o destino de um desses jovens:

Era um final de ano...Quente, muito quente...Final dos anos 70, Rio de Janeiro: 40 graus...

O grande centro comercial popular da época era Madureira, zona norte: 50 graus!!! Ahhh... Madureira, terra do samba: Império Serrano, Portela e Tradição!!! Dos butecos com cerveja estupidamente gelada servida nos copinhos pequenos da NF (Nadir Figueiredo) !!! De 2 linhas férreas: Central e Auxiliar...

Era antevéspera de Natal, tinha arrumado uns trocados para comprar um presente para minha mãe, e o lugar que o meu dinheiro valeria mais, com certeza, seria lá: Centro Comercial Madureira, na Edgar Romero, via principal!!!

Ao descer do trem: uma multidão... Centenas, milhares de consumidores esperançosos, como eu, em busca do "melhor possível" pelo mais barato!!! Desci da plataforma, subi a escadaria da estação, em direção à "passarela caracol": ícone da arquitetura férrea carioca, quase contra a vontade, tamanho o fluxo das pessoas... Muitas pessoas...

Consegui sair do fluxo e me abriguei numa coluna da passarela, em frente à Avenida, por um momento, contemplei aquele "formigueiro" de pessoas, num fluxo insano e contínuo, como várias serpentes, em várias direções... Num certo momento, pensei em desistir da minha empreitada: eu, com 12 anos, certamente seria levada pela multidão... Um momento vislumbrando a multidão foi suficiente...

Chamou minha atenção, uma cena: pelo canteiro central, em meio ao movimento de carros, uma senhora, idosa, transitava, com dificuldade, com a bolsa a tiracolo. Atrás dela, 3 meninos, da minha idade, um pouco mais... descalços, só de calção, "morenos-mulatos" apressados, no encalço da vítima: queriam a bolsa! Eu estava perto para observar, mas longe para avisar... E o "bote" foi dado: na precisão combinada: um puxa a bolsa e joga pro outro, que corre, e o último confunde e empurra a vítima! Plano perfeito se não fosse o detalhe de que a "Coroa" caiu na Avenida e um ônibus passou por cima dela, espalhando os miolos pelo chão escaldante...

Logo alguém gritou "pega ladrão"... Logo alguém pegou um dos meninos... Outro pediu uma corda, e quando me dei por conta, ele estava amarrado num poste, apanhando de todos: homens, mulheres e crianças, todos ensandecidos... Morreu em minutos, que para mim, foram uma eternidade... Já estava morto, e as pessoas continuavam a bater, como se todo o mal, todas as frustrações, toda "Justiça", estava ali, daquele jeito grotesco, sendo feita!!

Assisti a "turba"!!! A turba é incontrolável: é insana, violenta, a personificação da destruição, sem reparos... E eu, de camarote, presa pela multidão, não me machuquei, protegida que estava pela viga da passarela... mas tive que assistir ao linchamento, mesmo porque não adiantava fechar os olhos... por muito tempo ouvi os gritos daquele menino descalço, moreno-mulato, pobre, e morto... por muito tempo tive pesadelos, porque aprendi, naquele dia, que as pessoas são capazes de tudo...

E de repente, surpreendida com toda essa violência, percebi que vinha se aproximando pelo viaduto a tropa de choque, os "caveiras", pessoal do Bope, armado até os dentes. Para desobstruir a passagem, dispersar a multidão, vieram lançando bombas, gás lacrimogêneo, e o mais incrível aconteceu. As pessoas que participavam do linchamento se voltaram contra os policiais, armados até os dentes. E surpreendentemente, de suas marmitas, bolsas e sacolas, pularam armas. Atiraram em direção dos policiais, a coisa mais dantesca, não conseguia acreditar, pessoas comuns,

além de serem capazes de matar uma pessoa indefesa, também eram capazes de enfrentar as forças constituídas. E o pior, o Bope recuou, voltou. Eram muitas pessoas armadas. Deixaram as pessoas saciarem suas vontades, até mesmo porque o moleque já estava morto, não valia a pena se arriscar. E eu pensei, pela cabeça dos policiais, “bandido bom é bandido morto mesmo”. Já estava morto. Então os policiais recuaram. E depois de saciada a vontade de justiça, as pessoas se dispersaram como se nada tivesse acontecido.

Já sabemos sobre o intestino, sobre a receita, mas e o porquê *das tripas coração*? Por fim, quero falar “das tripas coração” e vou me aprofundar um pouco mais nesse termo, indo para um âmbito mais pessoal. Fazer das tripas coração é uma expressão popular que significa transformar as adversidades em forças ou para descrever um esforço sobre-humano. A expressão é usada quando a pessoa supera os próprios limites, faz o possível e o impossível para conseguir o que deseja.

Essa foi a primeira descrição da busca sobre “fazer das tripas coração” no Google, procurando mais um pouco podemos encontrar algumas definições bastante similares. Não se sabe ao certo quando surgiu a frase “fazer das tripas coração”, usada quando alguém consegue resistir a uma adversidade mais do que se supunha possível. Mas é fácil entender o que a expressão significa.

É claro que as tripas, ou intestino, são muito importantes para qualquer organismo. Mas o coração, órgão responsável pela circulação do sangue, hierarquicamente ocupa uma posição mais elevada no nosso imaginário, não só porque bombeia sangue e nutrientes para as células, mas porque o intestino é um lugar fétido, é um lugar de merda, sendo assim a periferia do corpo. Nessa alegoria, buscando maior fôlego e resistência, o indivíduo quebra a hierarquia do corpo para buscar algo que parece impossível. De fato, vemos essa expressão recorrentemente ligada a qualquer atividade em que o homem se dedica com todas suas forças. Sejam elas de ordem física, intelectual ou emocional.

Vejo essa expressão muito ligada ao sofrimento e ao processo de transformação. A transformação a partir do sofrimento e, de alguma forma, com um certo humor, como se fosse um deboche da própria dor. O famoso “rir para não chorar” ou “chorrindo”. Esses tipos de inversões colocam o mundo sobre outra perspectiva e, através do riso, das brincadeiras e dos exageros, a vida é celebrada de forma singular. Consigo muito facilmente associar essa expressão popular ao meu processo de escrita, principalmente desse trabalho que é o de conclusão do

curso de teatro, e num âmbito maior a todo o meu processo de formação na universidade. Tenho muita dificuldade em me expressar com a escrita, e acho importante que isso conste nesse trabalho, ou seja, escrevê-lo me causa um constante sofrimento a cada palavra.

Eu me lembro de ser uma menina bem articulada e bem posicionada, com opinião forte e cheia de certezas durante a minha infância e parte da adolescência, mas com o tempo fui perdendo um pouco dessa minha capacidade e senti como se eu fosse uma chama que estivesse fraca. Várias podem ser as possibilidades para a ocorrência de tal fato, assim como o machismo e a pressão social e silenciamento que as mulheres enfrentam na sociedade (este assunto também é abordado no espetáculo). Quando senti que estava quase apagando de verdade, resolvi transformar minhas tripas em coração e entrar para o teatro. Eu sempre tive o sonho de ser atriz, desde que eu tenho consciência de mim como um indivíduo. Porém, isso soava como um sonho infantil e distante. Infantil pois surgiu na minha infância e distante à medida que eu crescia. Trabalhar com arte se tornou uma possibilidade improvável dentro do contexto em que eu me encontrava. Porém, essa vontade de ser artista já fazia parte das minhas entranhas. Há alguns anos, jamais me imaginaria aqui, sentada no laboratório de informática do Departamento de Arte Dramática, digitando as letrinhas do famigerado TCC, ao lado de colegas tão queridos e fundamentais nessa caminhada.

Adiei ao máximo esse processo de escrita, o que me gerou ainda mais sofrimento e ansiedade. É tanta coisa para falar e tão difícil de organizar tudo em palavras que me gera um certo pânico. Me sinto mais à vontade atuando ou cantando, expressando as emoções em cena do que na frente do computador formulando ideias. Me senti e me sinto burra ou incapaz diversas vezes, mas tenho certeza que, ao ler esse trabalho completo, vou sentir orgulho dessas tripinhas que eu transformei em coração ou daquelas que eu aceitei como sendo tripas e é importante que elas se mantenham assim.

Vejo o trabalho de conclusão da faculdade como um grande apanhado sobre tudo que vivenciei aqui. Escrevendo este texto, é impossível não fazer um grande balanço sobre toda a minha trajetória nesses quatro anos ininterruptos dentro universidade. As aulas que eu fui e as que eu faltei, aquilo que eu aprendi e aquilo que eu poderia ter aproveitado melhor. É quase uma unanimidade entre os professores do departamento que eu fui uma aluna ausente. E, do fundo do meu

coração (aquele feito de tripas ou não), gostaria de ter sido mais presente. A verdade é que eu fui ausente de mim mesma durante muito tempo, como se eu não quisesse habitar o meu próprio corpo, e aquilo que consegui fazer nesses quatro anos, foi o melhor que eu tive para oferecer. Em muitos momentos ainda me sinto assim, ausente ou até mesmo criando mecanismos de fuga, como por exemplo os processos de compulsivos. É difícil ser presente quando todas as suas energias estão concentradas em se manter bem e viva. E, apesar de toda essa ausência, a universidade foi um dos pilares que me manteve em pé quando meu corpo ou minha mente não aguentavam mais.

Até o momento, falei sobre a minha vontade de ser atriz e trabalhar com o teatro, mas não sobre minha vontade de ser diretora, até porque não sabia que ela existia. Dirigir me dá um medo tremendo: o medo de falhar. Como que uma mulher com dificuldade de ordenar seus pensamentos vai conseguir dirigir uma peça? Como que uma pessoa cheia de inseguranças vai conseguir liderar um grupo? Lembra daquela chama que eu falei que estava se apagando? Ela se acende quando conseguimos sair da zona de conforto. Fazer das tripas coração é um processo doloroso, mas necessário. No meu caso, o meu coração já não batia com tanta força, mas tripas eu tinha de sobra e precisei me reinventar. Desta forma, tomo a liberdade para dizer que dirigir o espetáculo *Intestino* foi uma constante transformação interna. E essa é uma receita que ainda estou aprendendo, pois não tem medida e nem vai ter.

Para compensar toda a ausência durante a faculdade, física e psicológica, resolvi que iria me dedicar bastante ao meu processo de estágio e fui criando confiança durante a pesquisa. Resolvi canalizar todo esse sofrimento e transformar em algo melhor porque, apesar de ter dificuldade em me expressar às vezes, eu tenho conteúdo e tenho sobre o que falar. Não sou um balão de ar, que furado vai perdendo o seu recheio, apesar de ter me sentido assim muitas vezes: vazia. E para não ser injusta, é importante salientar que os meus sofrimentos são proporcionais as minhas alegrias, como que se eu vivesse sempre numa espécie de montanha russa emocional. Essa característica pode ser observada em *Intestino*, onde o gráfico da dramaturgia e encenação foram construídos com altos e baixos.

Este TCC, que talvez seja um pouco egocêntrico, fala sobre a experiência dessa atriz/diretora (ainda que de certa forma na fase embrionária), um pouco atrapalhada com a vida, assim como tantos outros alunos. Mas também fala sobre o meu esforço de digerir esse turbilhão de informações que a sociedade nos empurra

goela a baixo como se fossemos patos para produção de “foie gras”. Fala sobre a vida que me perturba em excesso e que é difícil digerir de forma a me manter minimamente saudável. Fala também sobre a descoberta de uma voz que estava rouca e sem força.

E por falar em voz, em 2016, um pouco antes de regressar para a faculdade (eu cursei o primeiro semestre em 2012, depois fiz vestibular novamente e voltei para o DAD em 2016), fiquei mais de um mês sem voz. Sempre amei cantar, e esse foi um talento que eu descobri muito cedo, mas por ter crises de bulimia muito fortes, machuquei minha garganta repetidas vezes ao provocar o vômito. A minha voz, portanto, entrou em colapso e fiquei afônica. Após esse episódio, ela nunca mais retornou com a mesma potência, apesar já ter melhorado bastante. Eu havia perdido a minha voz de várias maneiras, metaforicamente à medida que eu já não sabia mais quem eu era e não me posicionava, e literalmente ao não conseguir mais cantar. Mas foi a partir desse episódio, de grande afonia, que eu resolvi me aventurar num processo de cura que me acompanhou durante toda a faculdade. Sou uma pessoa propícia aos excessos e a compulsão, busco conforto na comida, álcool e outras substâncias. Tratar a compulsão alimentar é como tratar um vício, o vício pela comida e pelo ato de vomitar que gera uma falsa sensação de controle. Eu sentia como se vomitar fosse um superpoder e quando eu estava no banheiro, assumia a minha identidade secreta. A comida e o vômito eram meus melhores amigos, mas também meus piores carrascos. Passei mais de setes anos presa nesse ciclo autopunitivo de comer e vomitar, e em casa vivia alternando entre os espaços da cozinha e do banheiro (por isso a vontade de trabalhar o trajeto do alimento no corpo), escondendo os meus hábitos de todos que conhecia. Hoje, já não provo mais o vômito, algo que eu achava impossível há dois anos atrás, assim como também achava que não seria capaz de dirigir. Mas, a partir do momento que decidi melhorar, tive que enfrentar dores muito fortes e que ainda me acompanham. Eu conto esses fatos sobre mim pois justificam vários aspectos da minha pesquisa no âmbito da direção de *Intestino*. A relação com os alimentos, por exemplo: ambas as peças que eu dirigi no departamento possuem elementos perecíveis.

Esses elementos perecíveis nos levam novamente para a questão do alimento e da metáfora da digestão. O som da mastigação irrita muita gente. O alimento sendo esmagado, corrompido, destroçado e embebido na saliva, assim

como aquele menino assassinado, ou nós que vamos perdendo pequenos pedacinhos todos os dias. Tem gente que esguicha saliva pela boca e parece cobra, todos conhecemos alguma. A baba, a mucosa e os dentes recebem a nossa convidada mais esperada: a comida. A “bem-vinda” é recebida com os dentes, mastigada e engolida. Quem nunca se sentiu como uma comida? Seja doce, salgada, gostosa ou amarga. Alimenta mesmo que seja repleta de agrotóxico e gorduras trans. Nada disso importa para algumas pessoas, se o gosto for bom. O alimento que engulo, me adocece, mas eu o amo. Ele me mata, mas não vivo sem ele.

Somos animais que não sabemos mais ser animais, porém o somos o tempo inteiro. Nos esquecemos das nossas entranhas, daquelas tripas que posteriormente serão transformadas em coração e nos importamos apenas com as carcaças.

Eu particularmente não sou capaz de matar uma galinha ou qualquer animal maior que uma barata (talvez eu seja a barata), mas sou carnívora de churrascos. Tenho pena dos animais, mas eles são gostosos no meu prato. Sou um animal racional que não pensa nessas coisas. O gosto é bom e eu como, às vezes nem é tão bom mas comemos da mesma forma. Nosso paladar anda doente. Minha língua fala vários idiomas (isso é mentira, mas poderia ser verdade) e também faz coisas maravilhosas apenas por prazer (aqui temos um exemplo de excesso de informações). Ao mesmo tempo em que, como seres humanos, temos essas habilidades, poluímos o meio ambiente e destruimos o planeta, o tempo todo. Isso não faz o menor sentido, a vida não tem sentido e se tem algum, talvez seja comer ou sentir fome. Desta forma, se o que eu como se transforma em merda e esse também pode ser um dos sentidos da vida. Entretanto, o que eu como também se transforma em nutriente para que eu me mova, pense, crie, escreva. E aquilo que me nutre faz com que eu tenha forças para transformar as minhas tripas em coração.

O que eu como me dá energia para atuar, dirigir, construir, falhar, errar, matar, plantar, sorrir, morder, mastigar e engolir.

Nós somos uma mistura de escolhas, instintos e movimentos peristálticos. Além disso, somos um meio de passagem e transformação. Transformamos oxigênio de gás carbônico, transformamos uma macarronada em merda, transformamos o amor em ódio, transformamos o açúcar em energia. Transformamos até gametas em

vida. E além de tudo isso, podemos transformar todas essas coisas em arte e peça de teatro!

Vamos então dar início aos ingredientes dessa receita sem medidas:

Os Não Ingredientes

O primeiro passo é falar sobre os ingredientes que não foram usados na peça. Esse texto seria um áudio com a voz da atriz Ana Girardello e eu decidi cortar um dia antes da estreia, pois ao provar, senti que estava sobrando na nossa receita:

Áudio: Sintam o seu corpo, toquem a boca, ela é o nosso portal de entrada...Sabe qual a diferença entre a boca e o anus? Um entra e o outro sai... ok. não necessariamente... Se você enfiar a mão dentro da boca você terá vontade de vomitar, não faça isso. Se você introduzir algo no seu ânus, talvez seja bom... faça isso, mas não agora. Agora desçam a mão da boca até a barriga e botem a mão fundo na boca do estômago. Aí vai doer. Encontre alguém. Sinta teus dedos apertar a carne do outro, fica com a mão. Pensa em machucar esse alguém, em dar um soco na boca do estômago desse alguém. O que tu sentiria? Doeria em ti? Sentir a carne do outro na tua mão, macia de barriga que nasceu da barriga de outro alguém. Sentir que tu machucou alguém que também tem barriga, que nem a tua, que a tua mãe fez, amou, cuidou e a do outro também...No meio tempo, nós do mundo, vamos nos estragando ou esvaindo até acabar, queimamos oxigênio desde que os pulmões abrem até morrermos. Come uma maçã, vai te fazer bem....Sem as mãos. Se não fossem as injustiças não haveriam as insurgências e nas insurgências morrem pessoas, com mães, com pernas, barrigas, olhos, que já foram nenês, que querem o mínimo, que comem, moram, vivem. Caem pelos outros. Para que os outros possam. Os outros. Nunca eles. Os outros existem porque nós existimos. Outros em seus registros, nós no nosso, vários eus, nós e outros na mesma pessoa, no mesmo tempo pra preencher o tempo antes de morrermos. E nos envolvemos muito com o processo esse de viver. Podem parar de comer. Andem pelo espaço. Se encontrem, como quiserem, não importa o que isso significa, se é individual ou conjunto. Se encontrem. Nós todos existimos no mesmo período de tempo... no tempo das insurgências. Nós mulheres, já fomos bebês, já tivemos distúrbios alimentares, omitimos desejos, sonhos, procuramos agradar, talvez já tenhamos engravidado alguma vez, sentido alguma coisa formando dentro, escondemos o nosso cocô, machucamos nossas gargantas e cus pelos outros e também por nós mesmas, porque talvez aquilo significasse uma insurgência pra nós, talvez aliviasse alguma dor que a gente sentia. Machucou o nosso corpo mas nos deixou bem a curto prazo. Isso pode, tudo pode. Parem, se ajoelhem. Vocês três são homens gays. Vocês mentiram, aprenderam, desapareceram, se apropriaram, entenderam e se educaram pra poder viver, existir e operar como querem. Vocês se mexem diferente dos outros homens, vocês falam diferente dos outros homens, vocês tem ídolos diferentes dos outros homens. Outros. Homens. Vocês se machucaram, foram machucados, olhados, examinados, impedidos e provavelmente mentiram pra si mesmos, fizeram coisas pra provar pontos, pensaram até dormir e inventaram alguém

diferente pra ser durante um tempo por vocês. Somos outros pros outros, isso pode, porque era a única maneira alcançável de ser quem vocês eram e queriam ser. Levantem, virem pra parede, um menino morto colorido com tudo o que sobrou pra trás, uma mulher morta resistente com o que podia ser. Passamos o tempo até morrer e somos frágeis. Talvez por isso a gente possa se apaixonar por alguém, sentir temura por patas de cachorro, ter vontade de chorar ouvindo música, amar com toda a força do mundo o cheiro da nossa mãe com café porque lembra a infância, transbordar de pena e orgulho de si mesmo e alternar os dois estados no mesmo dia. Virem pra frente, se belisquem. vocês notam que dói? É um sinal de alerta para que a gente não continue ali e não sinta dor porque pode ser perigoso pros nossos corpos. Achem um balde, ou um copo, embaixo da cadeira de vcs. Anestesiarem pra não sentir e encontrar uma felicidade e um sentido que nem sempre existem, procurar procurar procurar procurar procurar procurar procurar procurar sentido para viver. Pra ser feliz. Encontraram? Botem no dedo. Se mostrem. Vocês encontraram isso no balde, copo. Mas é só uma metáfora e encontrar felicidade em si é uma metáfora porque não se vê a felicidade por isso as pessoas se matam, porque elas não tem como fazer uma coisa impossível de fazer, que é encontrar felicidade como se fosse um encontro com um amigo na esquina mas no meio tempo entre a vida e a morte a gente aprende alguma coisa. Esse período se chama vida e nós estamos vivendo as nossas ao mesmo tempo no mundo. Pode ser um passeio no campo ou uma repartição pública com luz fluorescente. Os dois podem ser bons ou ruins. Liga a luz.

O próximo ingrediente que não foi utilizado, e que foi cortado um pouco antes que o texto da Ana é esse que foi escrito pelo ator e mestrando Rodrigo Sacco Teixeira:

Eu trouxe os meus tênis. Sujos. Que eu usei em um dia de chuva e barro. Corri atrás de inúmeras coisas. Eu calço 44 e esses tênis são meus. Já tem a forma do meu pé, porque eu corri com eles e não tirei dos pés por semanas. Já beijei na boca com eles nos pés. Certamente já devo ter pisado em formigas. Certamente já pisei em calçadas onde pessoas morreram, foram assaltadas, estupradas, violentadas, amadas e enganadas. Vocês não conhecem os calos dos meus pés e não conhecem as pedras dos meus sapatos. Assim como eu não conheço os calos dos pés de vocês e as pedras dos seus calçados. Eu sei, no entanto, que as pedras dos teus calçados são mais pontiagudos que os meus, porque tu é um homem negro. Eu sei que as pedras dos calçados de vocês são mais amassadas que as minhas, porque vocês são mulheres nesse país e nesse mundo. Eu quero que vocês experimentem os sapatos dos colegas e passem, do jeito que der pela sala. Eu acho que nós somos artistas nesse mundo de merda porque não nos damos por satisfeitos com os calos dos nossos pé.

Este outro foi escrito pelo ator Bruno Fernandes, algumas pequenas partes continuaram na edição final da dramaturgia:

O cu é tabu é preconceito é uma condenação. As pessoas se importam muito com o cu alheio, se está bem limpo ou depilado ou se foi bem ou mal utilizado. De certa forma o cu se associa a uma vergonha ou algo que não se tenha orgulho de sustentar. O cu é local de passagem. Local de estada.

Estadia. Breve. Algo que serve para vir e voltar e novamente ir e as vezes dar um toque e as vezes dois toques e as vezes dar três. O cu é por onde se eliminam as substâncias que não serão utilizadas pelo nosso organismo na forma de fezes. Esse é seu principal objetivo. O cu é por onde vazam as mensagens do Telegram. A merda é o fim. Se o cu deixa de funcionar, faz greve, não manda mais bem na sua principal tarefa, a pessoa pode explodir. De várias formas. Dizem que a verdadeira morte de Elvis Presley foi de tanto forçar o cu. Ou morreu por ter explodido tudo. Ou alguma veia importantíssima explodiu ao tentar defecar de tantas fezes acumuladas. Não consigo contar essa história vou ter que pesquisar mas passou em algum documentário sobre a verdadeira morte de famosos. As pessoas que passam muitos dias sem cagar, às vezes semanas, valorizam ao extremo este ato, somente elas conseguem sentir na potência máxima a libertação de uma evacuação muitíssimo esperada. Talvez para alguns essa experiência possa se complicar é preciso pesquisar também. “Eu, quando acordo me levanto tomo café aproveito dou aquela cagada matinal seguida de um banho e pronto estou liberado para o resto do dia” para essas pessoas a libertação de seu dia se deu certamente na cagada. Eu conheço pessoas que cagam oito vezes por dia, demoram pra se liberar, vivem uma vida reclusas ao seu intestino frouxo. É necessária muita coragem para viver uma vida de intestino frouxo. O cu é quando a velhinha assaltada morre atropelada ao tentar fugir de um assalto em plena véspera de natal no mercado público de Madureira. Voa merda pra todos os lados. Mas hey é preciso ainda ser dito que o cu é local de prazer. Playground. O cu é um escorregador mágico. O prazer do cu pode ser comparado ao fascínio que a humanidade tem por unicórnios agora estampados em todos os lugares, muitos não acreditam, é difícil de explicar, basta sentir. O cu pode ser dado, doado, vendido, alugado, poderia até se pensar em formas de consórcio. É preciso ainda uma minuciosa busca para desvendar todas as subdivisõeszinhas, vulgo rugas, que o cu sustenta. Para alguns isso é exagero para outros é uma forma de sentir prazer. Não vamos ser hipócritas. Vamos entender que todos temos cu cada um sabe do seu. Não endemonize o meu muito menos o seu.

Além disso, teríamos uma interrupção no meio do espetáculo para que fossem debatidas algumas questões. Quem assistiu obviamente percebeu que esse elemento não foi adicionado na peça. Questões a serem debatidas que não foram:

- Se ao invés de um adolescente fosse um homem adulto? Será que avaliaríamos diferente essa situação?
- Porque que ao invés de espancar e matar o rapaz, as pessoas simplesmente não chamaram a polícia?
- E o que a gente faz com esse medo de andar na rua?
- O que a gente vai dar pra essas pessoas que nos assaltam, além do celular? A minha compreensão? A compreensão de eles são apenas vítimas do sistema?
- Se eles são apenas uma vítima do sistema. Eu também sou uma vítima do sistema, do meu sistema intestinal. Esse é o excremento da sociedade.

- A solução é explodir o presídio? Mas e se você tiver algum parente na cadeia?

- Se as pessoas fazem questão de esconder, porque na situação do linchamento elas expuseram toda a sua merda? Porque não chamaram a polícia?

Essas questões não entraram na peça, mas estavam no nosso inconsciente.

Os Ingredientes

1. Metáforas da digestão e órgão do sistema digestivo
2. Tarefas
3. História como eixo principal
4. Uma pitada de natal
5. Um carro modelo: Uno
6. Uma pitada de Tom Zé ou um punhado
7. Humor do tipo *Nanette*
8. Respeito ao caos
9. Conversas sobre as piores merdas
10. Um vaso sanitário
11. Uma coreografia bem-humorada
12. Cenografia reaproveitada
13. Figurinos coloridos
14. Pasta de dente de elefante
15. Amor

Modo de preparo:

Pegue uma diretora um pouco: maluca e misture tudo. O que me faz lembrar um pouco a Joana, personagem da peça *Gota D'água*, de Chico Buarque e Paulo Fontes, porém menos inofensiva. O monólogo veneno, eternizado pela atriz Bibi Ferreira, para mim é uma grande inspiração:

Tudo está na natureza encadeado em movimento: cuspe, veneno, tristeza, carne, moinho, lamento, ódio, dor, cebola, coentro, gordura, sangue, frieza, isso tudo está no centro de uma mesma estranha mesa.

Misture cada elemento: uma pitada de dor, uma colher de fermento e uma gota de terror.

O suco dos sentimentos, raiva, medo ou desamor, produz novos condimentos, lágrima, pus e suor, mas inverta o seguimento, intensifique a mistura. Tempero, ódio, lagrimento, sangalho com tristadura, carmento, velho moinho. Remexa tudo por dentro, passe tudo no moinho, moa carne, sangue, coentro, chore, envenene a gordura: você terá unguento, uma papa grossa e escura, essência do meu tormento e molho de uma fritura de paladar violento, que engolindo, a criatura repara no meu sofrimento com a morte lenta e segura.

Eles pensam que a maré vai, mas nunca volta. Até agora eles estavam comandando meu destino e eu fui, fui, fui recuando recolhendo fúrias. Hoje, eu sou onda solta e tão forte quanto eles me imaginam fraca. Quando eles virem invertida a correnteza quero ver se eles resistem a surpresa e quero saber como eles reagem a ressaca! (BUARQUE; PONTES, 1992).

1 – Sobre a metáfora do sistema digestivo

Nós fizemos o caminho do alimento pelo corpo. Seguindo a seguinte ordem: comida, boca, estômago, intestino, cu e merda. Cada ator representava um desses elementos, respectivamente: Claudia, Ana, Rodrigo, Bruno Busato, Bruno Fernandes e Claudia novamente. O importante é que a metáfora do sistema digestivo fosse usada como pretexto para digerir a história do linchamento e para dar espaço para os atores contarem as suas histórias e seus pontos de vista. Ao mesmo tempo que cada um deles se transforma por vezes em personagens daquele linchamento criando uma tensão entre real e fictício.

2 – Tarefas

Sobre as questões das tarefas, pensei bastante e me dei conta que, digerindo todo o processo da construção e direção da peça, além de criar tarefas para os atores, eu criei uma tarefa para mim. Desde o começo eu sabia com o que eu queria trabalhar, o desafio foi juntar todas essas partes de forma a fazer algum sentido. A história da minha mãe, o sistema digestivo e os depoimentos dos atores. Pensando melhor, acredito que me inspirei na professora Dra. Patrícia Fagundes que, nas

aulas de direção, passava tarefas para que fossem construídas cenas. Por exemplo: criar uma cena com uma música e com frases de Eduardo Galeano.

A estrutura prevista de ensaios contava com a preparação individual de uma cena/performance a ser apresentada todas as segundas-feiras. A primeira tarefa era criar uma cena/performance/dinâmica a partir da frase: “como se manter saudável em meio a uma sociedade doente?”.

Essa primeira tarefa foi uma das mais importantes, pois boa parte da peça começou a ser construída ali. Acredito que as cenas apresentadas naquele dia foram digeridas por nós ao longo do processo e, por fim, absorvidas e incorporadas no corpo do espetáculo. Fiquei muito surpresa, de forma positiva, como o material levantado. Com exceção da cena do Rodrigo, todas as outras fizeram parte da composição de *Intestino*. Bruno Busato criou a partitura de movimentos que representava o cotidiano ao som de uma música de elevador; Ana montou uma cena falando sobre equilíbrio: um cigarro e um suco; Bruno Fernandes falou sobre situações de racismo que havia sofrido; Claudia representou uma *coach* que prometia a cura total a partir de com uma meditação guiada.

3 e 4 – Vou falar sobre esses dois ingredientes ao mesmo tempo

Como vocês devem ter lido no relato da minha mãe, o acontecimento ironicamente se passou na véspera de Natal. Não é fácil de entender porque o começo da peça se passa na véspera de natal. Um momento onde o amor e confraternização, um feriado cristão, onde se comete um crime terrível e é difícil apontar culpados. Para a criação da primeira cena, a ceia de Natal, propus que fizéssemos literalmente uma ceia de Natal. Nos reunimos na minha casa e cada um trouxe algum ingrediente ou comida típicas natalinas: peru (que na verdade era um frango), a salada de maionese, frutas, frutas secas, farofa, etc. Nós também nos arrumamos a caráter, abusando das cores vermelho e verde, e fizemos um amigo secreto. As conversas e assuntos daquele dia serviram como base para a escrita dramaturgia da cena. Escrevi a cena-base e depois, juntos, organizamos a dramaturgia final, adicionando o jeito peculiar e o humor aguçado de cada ator. A nossa idéia era de um jantar animado onde, em um dado momento, alguém conta uma história e “quebra o clima”.

5 – Adicione um Uno

A fim de fazer uma mensagem ao vivo para nosso amigo JC e para o público. Essa entrada dá o aval para o público rir e se divertir. Obs.: A Claudia pegou o carro emprestado dos seus avós sem pedir permissão e levou uma multa.



6 – Tom Zé

Antônio José Santana Martins, conhecido como Tom Zé (Irará, 11 de outubro de 1936), é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado

ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil.

Aqui vou me deter um pouco mais, pois Tom é e foi uma grande inspiração. Desde o começo, usei músicas dele nos ensaios. Tom Zé tem se relaciona com a peça pois a sua sonoridade é resultado de uma mistura improvável, mas que faz sentido. Além disso, conversa muito com a minha forma de trabalhar. Tom Zé é uma grande fonte de inspiração: ele se manteve ativo e atuante durante toda sua carreira, é criativo e inventivo. Ele diz, em algumas das suas entrevistas, que todas as vezes que inicia um novo trabalho, ele começa do zero. E, como não é um “bom cantor” nem um bom músico”, teve que seguir fazendo suas músicas de forma não convencional, pois no convencional ele fracassava. Eu me senti assim dirigindo a peça e escrevendo este texto, portanto quis fazer de forma não convencional porque no convencional estaria fadada ao fracasso. Eu diria que Tom Zé é um artista com fome e se alimenta das mais diversas influências ao seu redor. Também tenho fome. Tom se alimenta de influências não só musicais como também do cotidiano. Ele faz músicas com uma linguagem simples que se comunica com as pessoas. Também diz que prefere a linguagem do povo, a sabedoria do povo nordestino que o saber aristotélico. Eu também: não me sinto como uma pessoa acadêmica, sou intuitiva e gosto da prática.

Quando iniciou sua carreira ainda em Irará, cidade da Bahia onde nascera, por não ter uma voz que preenchesse o espaço, uma “boa voz” para chamar a atenção do público, ele falava dos personagens da sua cidade. Falava daqueles homens e mulheres que estavam ali, gerando identificação. Esse foi um dos artifícios utilizados para conduzir ao processo de *Intestino*. Resolvemos falar de pessoas reais e situações onde todos podem se identificar ora sim ou não, se algum dos fatos relatados na peça não acontecera consigo, já ouvira falar. E tudo isso com uma linguagem acessível, pois para mim a grande genialidade é conseguir se comunicar com o público. Não me interessa uma grande obra de arte se ela não comunica.

Em *Intestino*, utilizamos três músicas do Tom Zé. A primeira é *Jimi renda-se*. Essa música foi escolhida por ter sons de cidade e buzinas e conversava com a introdução do momento do linchamento. Não foi utilizada a letra da música, apenas a parte inicial que é instrumental. A terceira música é a música final e resume um pouco sobre o que é queremos dizer na peça, estamos confundindo para esclarecer:

Tô bem de baixo prá poder subir
 Tô bem de cima prá poder cair
 Tô dividindo prá poder sobrar
 Desperdiçando prá poder faltar
 Devagarinho prá poder caber
 Bem de leve prá não perdoar
 Tô estudando prá saber ignorar
 Eu Tô aqui comendo para vomitar
 Eu Tô te explicando
 Prá te confundir
 Eu Tô te confundindo
 Prá te esclarecer
 Tô iluminado
 Prá poder cegar
 Tô ficando cego
 Prá poder guiar
 Suavemente prá poder rasgar
 Olho fechado prá te ver melhor
 Com alegria prá poder chorar
 Desesperado prá ter paciência
 Carinhoso prá poder ferir
 Lentamente prá não atrasar
 Atrás da vida prá poder morrer
 Eu Tô me despedindo prá poder voltar

A segunda música, uma das mais importantes, a letra da música é texto. É dramaturgia da peça também. Na cena onde a música é inserida, estamos falando sobre “cu”. Achei que seria o momento perfeito para que ela aparecesse: “o que salva a humanidade é que não há quem cure a Curiosidade. ” A sonoridade da sílaba Cu, e BuraCu aparece várias vezes e é impossível não fazer a relação com essa parte do corpo: o ânus. Para a construção da cena, interrompemos a música algumas vezes, onde o ator falava curiosidades sobre o cu.

Vou aproveitar e fazer um pequeno salto para falar sobre o ingrediente número 11: O processo de criação da coreografia bem-humorada.

A letra de *Salva a humanidade* repete os fonemas “Cu” e a palavra “buraco”, que na minha opinião fazem referência ao ânus. Resolvi então, para compor essa parte do espetáculo, inserir uma coreografia a partir dos estímulos criados pela música e chamei um amigo, Vinicius Zurawski, mais capacitado para cumprir essa tarefa.

Vinicius começou muito cedo dançando pelo CTG Laço da Querência. Em 2009 entrou para o Centro de Artes de Porto Alegre atendendo às modalidades: Ballet, Jazz, Dança Contemporânea e Danças Urbanas. Atualmente dança Jazz, Ballet e Dança Contemporânea pelo Ballet Lenita Ruschel, onde atua como professor também. Trabalhou por 4 anos integrando o Ballet do Natal Luz, sendo na 33ª edição coordenador do corpo de baile. Anexa à sua carreira trabalhos com: Janice Botelho, Eliane Fetzer, Deborah Ruschel, entre outros grandes nomes do meio. Ele também participa de festivais nacionais e internacionais, sendo premiado em todos que frequenta e em alguns recebe indicações e prêmios especiais.

Para criar a coreografia, Vinicius formulou perguntas: Como seria o mundo se deus criasse a partir do cu? Como seria as tribos de homens pré-históricos se eles vivessem ao redor do cu ao invés do fogo? Como as pessoas se movimentariam a partir do cu?

Essas perguntas foram o ponto de partida para a criação dos movimentos, mas a composição da coreografia também foi sendo alterada conforme Vinicius foi conhecendo o corpo dos atores e a suas possibilidades. E também inseriu algumas relações com o espaço e cenário.

Na cena, após a entrada da música, ocorriam algumas pausas da coreografia e Bruno Fernandes, um dos atores da peça, listava algumas curiosidades sobre o ânus:

- 1) As aves usam o cu para reprodução; e para ser cu também.
- 2) Os pepinos do mar usam o cu para respirar.
- 3) Na Grécia Antiga, o sexo anal era uma prática comum. Evidências sugerem que eles usavam azeite de oliva na hora do sexo. Mesmo naquela época, os gregos já sabiam da importância de um bom lubrificante.
- 4) Depois que entra uma mão, o cu jamais voltará ao seu tamanho original. Essa não tem embasamento científico.
- 5) Você pode até achar que não, mas quanto mais tempo você fica sentado na privada, maiores são as chances de ter hemorroidas.





7 – Coloque um pouco de humor: de preferência da marca *Nanette*

Aí eu vejo um problema na medida. Eu estou aqui para questionar minha própria receita. *Nanette* é humor? E eu disse humor da marca *Nanette*. (não é Danete – Danete é um laticínio) Digo, *Nanette* é um show, um stand up comedy da comediantes e roteirista australiana Hannah Gadsby, disponível Netflix, e que constrange e comove. Até mesmo entre os comediantes, não se tem certeza se esta apresentação pode ser classificada como humor. Podemos inclusive questionar, a partir apresentação, se um stand up pode ser exclusivamente de caráter humorístico. Na minha opinião, ela criou algo maior que a comédia. O que Gadsby faz no palco, apesar do seu sarcasmo aguçado, é drama e assim precisa ser lido. É enquanto drama – ela insiste em não conectar a plateia pela via fácil da risada ou raiva – que sua *Nanette* fisga a empatia do espectador. Neste ponto, acredito que *Nanatte* se aproxima de *intestino*, pois construímos o espetáculo com empatia e conseguimos conquistar o público falar sobre questões reais e urgentes. Um apelo amplificado pelo sentimento de reconhecimento que há em todo mundo e pelo

prazer sádico da nossa era da hiperexposição. Sua tragédia no palco gera uma catarse.

No teatro contemporâneo, é comum que a realidade e ficção se misturem:

Quaisquer que sejam os lugares e momentos nos quais o teatro acontece, ele sempre se caracteriza por uma tensão entre realidade e ficção, entre real e fictício, Pois é sempre em espaços reais e num tempo real que se passam as representações e são sempre corpos reais que se deslocam nestes espaços reais. Dito isso, o espaço real, a cena pode simbolizar diversos espaços ficcionais; o tempo real que dura o espetáculo, não é idêntico ao tempo real da peça e o corpo real do ator de cada ator representa em geral um outro: uma figura dramática, um personagem. Tais circunstâncias deram, frequentemente espaço a inúmeras transgressões entre o real e o ficcional e o real e continuam a fazê-lo” (FISCHER-LICHTE; BORJA, 2013, p. 14).

Quando assisti ao show da Hannah, achei genial e aquilo me cativou. Pensei: “é isso o que eu quero”. O show apresentado por ela está longe por diversas formas do espetáculo *Intestino*, mas foi um dos ingredientes por mim adicionados no trabalho. A tensão e o relaxamento para gerar humor, assim como o questionamento sobre essa própria questão. Nós não queríamos fazer um espetáculo de comédia e sim, como a Hannah faz, ultrapassar a comédia e ir além. Para exemplificar melhor, destaco alguns trechos do monólogo da artista:

Vocês entendem o que a autodepreciação significa quando vem de alguém que já existe à margem? Eu me coloco para baixo para pedir permissão para falar. Não vou mais fazer isso comigo e com qualquer pessoa que se identifique comigo. (GATSBY, 2018).

Em *Intestino*, cada um dos atores possui o seu lugar de fala, da descoberta da sexualidade, machismo e racismo entre outros assuntos. A forma abordada gera o riso, mas nunca gerando constrangimento aos atores em cena. Tudo isso foi muito bem trabalhado com conversas exaustivas, porém necessárias e potentes. De uma forma brega, até porque não possuo nenhum medo dessa denominação, eu diria que abrimos nossos corações um para os outros e após para o público. Senti muito orgulho por ter proporcionado esse momento para todos nós.

Rir faz muito bem ao ser humano, faz mesmo, pois quando você ri, relaxa a tensão e segurar a tensão no corpo humano não é saudável, nem psicologicamente e nem fisicamente. Por isso faz bem rir e rir com os outros é melhor ainda. Pois quando você ri numa sala lotada, você compartilha esse riso. Você relaxa ainda mais a tensão quando ri com os outros do que quando ri sozinho. Até porque rir sozinho é sinal de doença mental e isso é

outro tipo de tensão, rir não ajuda. Confie em mim, a tensão nos isola e o riso nos conecta.

[...]

Vou explicar o que uma piada é quando você analisa suas partes iniciais, os componentes, as partes mínimas. Uma piada precisa de duas coisas para funcionar: uma situação e um desfecho. É essencialmente uma pergunta com uma resposta surpreendente, certo? Mas nesse contexto, uma piada é uma pergunta que eu inseminei artificialmente. Tensão. Eu faço isso, é o meu trabalho deixo vocês tensos e aí faço vocês rirem e vocês dizem: obrigado, eu estava me sentindo muito tenso. Isso é um relacionamento abusivo. (GATSBY, 2018).

Ao mesmo tempo que ela apresenta uma forma de gerar comédia e riso, Gadsby nega essa mesma forma. Porém, em todo o seu monólogo, ela oscila entre momentos de tensão e relaxamento. E foi isso que me causou um grande interesse. Esse gráfico oscilante que nos surpreende ao longo do espetáculo: “Ninguém vai sair daqui uma pessoa melhor, estamos rolando na própria merda”. No caso de *Intestino*, ao falarmos das nossas merdas, estamos deitados e rolando nos nossos próprios excrementos, já se sairemos melhores ou não, eu não sei... Mas, de alguma forma, a arte para mim é sempre transformadora!

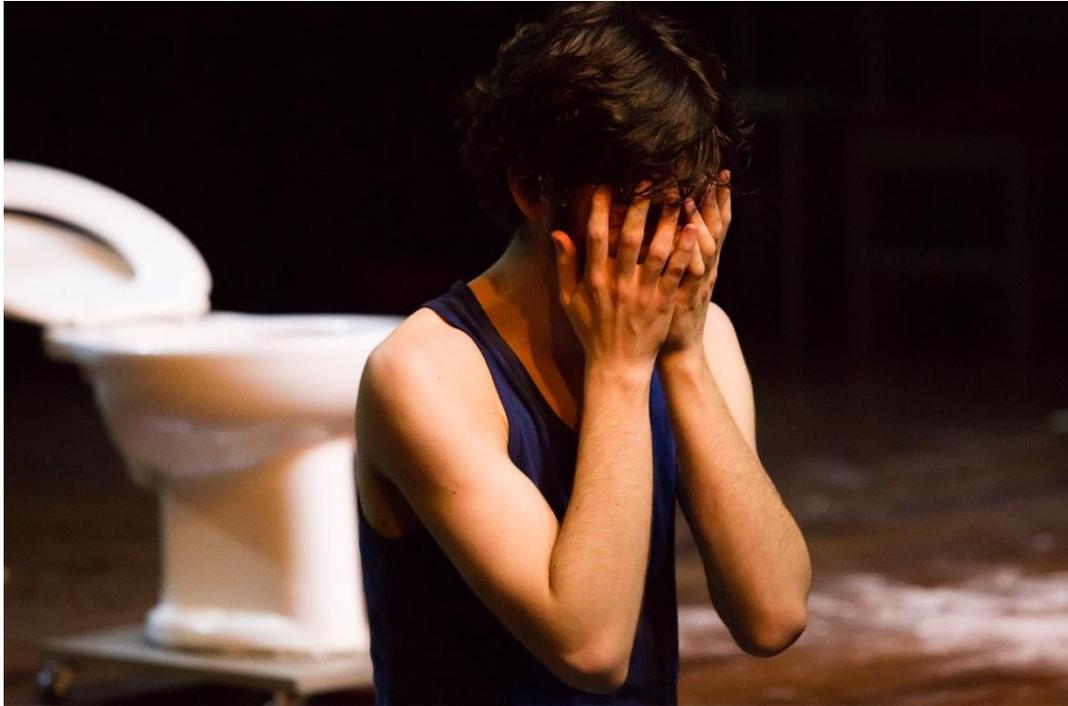
Essa é uma das citações que mais me arrebatam: “Rir não é o melhor remédio, histórias é que curam. O riso é o mel que adoça o remédio amargo” (GADSBY, 2018). Curar nossas dores e enfrentar as adversidades e nos deparar com elas num espetáculo é dolorido, mas o riso adoça aquilo que é difícil de engolir.

Não quero unir vocês pelo riso ou pela raiva, só queria que a minha história fosse ouvida, sentida e compreendida por indivíduos com pensamentos próprios. [...] A sua história é a minha história e a minha história é a sua. (GADSBY, 2018).

Quando ela afirma que “a sua história é a minha história e a minha é a sua”, ela demonstra vulnerabilidade no palco que foi uma das buscas na pesquisa do nosso trabalho em *Intestino*. No texto *Geopolítica da cafetinagem*, Suely Rolnik nos diz:

É que a vulnerabilidade é condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens pré-estabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência e os contornos cambiantes de nossa subjetividade. Ora, ser vulnerável depende da ativação de uma capacidade específica do sensível, a qual esteve recalcada por muitos séculos, mantendo-se ativa apenas em certas tradições filosóficas e poéticas, que culminaram nas vanguardas culturais do final do século XIX e início do século XX, cuja ação propagou-se pelo tecido social ao longo do século XX. A própria neurociência, em suas pesquisas recentes, comprova que cada um de nossos órgãos dos

sentidos é portador de uma dupla capacidade: cortical e subcortical. (ROLNIK, 2002, p. 251).



8 – Respeito ao caos

O espetáculo foi construído a partir de um grande caos. As ideias e os materiais criados nos ensaios eram diversos. O caos estava presente em mim e nos atores. Mas nós precisamos do caos e temos de respeitá-lo. Fernando Pessoa (ou Bernardo Soares), no *Livro do Desassossego*, dizia que “O tédio era sintoma físico do caos” (1986, p. 203). No entanto, sou obrigada a discordar dele: no nosso caso, o caos foi a nossa matéria-prima. Rodrigo Garcia – diretor e dramaturgo argentino radicado na Espanha – também utiliza o caos como uma das matrizes do seu processo criativo. Abaixo, temos um relato oferecido em uma entrevista de 2015:

No meu processo de criação não trabalho com nada escrito, o meu ponto de partida são as pessoas com quem quero trabalhar. De manhã em casa muito tranquilo começo a ter as minhas ideias e penso em estímulos para começarmos a trabalhar, normalmente são ações físicas. Ao meu lado tenho sempre a minha equipa de vídeo que começa a investigar. E também a equipa de cenografia, por exemplo para "4" trazemos um sabão de Marselha que pesa uma tonelada e é a sério. Em paralelo, começo a escrever em casa. Acúmulo muito material com muitos textos e imagens, durante aproximadamente um mês e meio. E começo a pensar como fazer uma posta em cena, normalmente funciona como uma colagem. No fim, ponho ordem no caos e

dou uma estrutura a tudo, faço um storyboard, como no cinema, de cada cena. É uma estrutura rígida onde se organiza todo o caos. (GARCIA, 2015)

Identifico-me com Rodrigo no método de criação: todo o grupo de *Intestino* criou muito material e, após isso, organizei a dramaturgia a partir de uma estrutura pré-definida. Organizando todo o caos, mesmo que ele ainda apareça em cena.

9 – Conversas sobre as piores merdas

Perguntei para os atores e para mim mesma: quais eram as piores merdas vividas por eles e por mim, o que nos levou a temas urgentes. Fui selecionando, a partir das conversas, os assuntos que mais se encaixavam na estrutura e no espetáculo que estávamos criando, respeitando o que os atores se sentiriam a vontade de falar. Com o tempo, essas conversas foram criando uma maior intimidade e foi o que deu a liga na nossa receita. Para essa receita não azedar foi preciso deixar os atores livres para contarem as suas histórias, e as vezes é bom experimentar uma provinha para ver se está bom de sal ou açúcar. Ao deixar os atores livres e confrontarem e para falarem sobre as suas piores merdas, resolvi incluir uma história minha:

Eu lembro de uma vez eu estava bebendo em um barzinho com uma amiga, e é isso que eu lembro. No outro dia eu acordei nua do lado de um homem que eu não me recordo de ter conhecido. Fui embora daquele lugar e quis esquecer. Mas não pude esquecer completamente pois peguei sífilis. Tratei da doença com injeções de benzetacil na bunda e esqueci novamente. Esses dias eu reencontrei o sujeito. Ele vende balas de coco numa sinaleira perto da minha casa. Que merda, né. Eu nem pude me dar ao luxo de esquecer...

10 – Encontre uma privada no lixo e use

É basicamente isso, só que a privada era um bidê que improvisamos e usamos a tampa da privada do banheiro da Sala Qorpo Santo, na UFRGS. Já dizia Platão: A necessidade é a mãe da invenção!



12 – Pegue o cenário de outras peças, pinte de cinza

Peça emprestado o que não tiver para os amigos, pois essa é uma receita não financeira, ou seja é uma peça feita sem recursos. Depois, desembolse alguns trocados e compre rodinhas para colocar nos móveis e facilitar a vida dos atores nas trocas de cena e contrarregragem. Mais um artifício para organizar o caos por nós criados. Como não criar um caos em um mundo caótico?

13 – Figurinos

Eu queria que fossem coloridos e tropicais. Chamamos algumas pessoas para ajudar mas usamos nossas próprias roupas, até porque, para gerar maior identificação com a plateia, os atores eram eles mesmos em cena.

14 – Pasta de dente de elefante

“Pasta de dente de elefante” é uma reação química exotérmica, ou seja, libera calor de uma forma muito rápida criando uma grande espuma. Os ingredientes são: Peróxido de Hidrogênio Concentrado, Iodeto de Potássio e detergente.

Um dia, olhando o Instagram, vi um vídeo que já na meu recorde mais, sobre essa reação e imaginei essa espuma toda saindo da privada, representando toda a merda voltando para nos confrontar, apesar de querermos sempre escondê-la.



15 – Amor

O último ingrediente dessa nossa receita sem medida é o amor: se não fosse o amor que temos um pelos outros e pela nossa profissão, não teríamos chegado onde chegamos. Sim, sou brega e com orgulho e tenho mais orgulho ainda desses amigos que compartilharam comigo toda essa merda que transformamos em adubo, ou das tripas em coração. Não dizem que é comida é mais gostosa quando feita com amor? Pois eu digo: o teatro também!



CONCLUSÃO

O mundo é um caos, é impossível não ser afetada todos os dias pelos absurdos que acontecem. Não foi um processo de direção fácil, foi preciso remexer várias feridas, as minhas e as dos colegas. As dos colegas também me doem, pois depois da convivência intensa, um pouquinho deles já faz parte de mim. Mas também foi um processo cheio de alegria, o que pode ser visto no palco. Ainda tenho um longo caminho para percorrer, e quero o teatro na minha vida até porque ele já faz parte de mim e me ajuda a digerir esse mundo caótico.

Eu queria terminar este TCC com uma música que me fez ter esperança nos momentos difíceis, e para a não surpresa de vocês, ela é do Tom Zé:

“Menina, amanhã de manhã
quando a gente acordar
quero te dizer que a felicidade vai

desabar sobre os homens, vai
 desabar sobre os homens, vai
 desabar sobre os homens.
 Na hora ninguém escapa
 de baixo da cama ninguém se esconde
 e a felicidade vai
 desabar sobre os homens, vai
 desabar sobre os homens vai
 desabar sobre os homens.
 Menina, ela mete medo
 menina, ela fecha a roda
 menina, não tem saída
 de cima, de banda ou de lado.
 menina, olhe pra frente
 menina, todo cuidado
 não queira dormir no ponto
 segure o jogo
 atenção (de manhã)
 Menina a felicidade
 é cheia de graça
 é cheia de lata
 é cheia de praça
 é cheia de traça.
 Menina, a felicidade
 é cheia de pano,
 é cheia de pena
 é cheia de sino
 é cheia de sono.
 Menina, a felicidade
 é cheia de ano
 é cheia de Eno
 é cheia de hino
 é cheia de ONU.
 Menina, a felicidade
 é cheia de an
 é cheia de en
 é cheia de in
 é cheia de on.
 Menina, a felicidade
 é cheia de a
 é cheia de e
 é cheia de i
 é cheia de o.”

Eu não apenas transcrevi a letra da música aqui, como também cantei um pedacinho dela para vocês e deixei um recadinho neste link:

<https://youtu.be/INe0muwx5yw>

O vídeo da peça está disponível neste link:

<https://youtu.be/lyYm5XsPygw>

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d'água: uma tragédia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- COELHO, Luciana. *Catártico, "Nanette" manipula espectador para surpreendê-lo*. São Paulo: Folha de São Paulo, 15 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/catartico-nanette-manipula-espectador-para-surpreende-lo.shtml>>.
- FERRAZ, Eucanaã. *Rua do Mundo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- FISCHER-LICHTE, Erika; BORJA, M. *Realidade e ficção no teatro contemporâneo*. Sala Preta, v. 13, n. 2, p. 14-32, 15 dez. 2013.
- GADSBY, Hannah. *Nanette*. 2018. Filme disponível na plataforma Netflix.
- GARCIA, Rodrigo. *A sociedade que acha o meu teatro provocador está doente*. Entrevista a Catarina Ferreira. Portugal: Jornal de Notícias, 10 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://www.jn.pt/artes/a-sociedade-que-acha-o-meu-teatro-provocador-esta-doente-4924310.html>>.
- LISBOA, Sílvia; GARATTONI, Bruno. *Intestino: seu segundo cérebro*. Revista Superinteressante, 11 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/seu-segundo-cerebro/>>.
- MATOS JR, Décio. *Fabricando Tom Zé*. Filme, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QKuXlisaBdc>>.
- ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. In: Rizoma.net / Artefato, 2002. Páginas 251 a 263. Disponível em: <<http://virgulaimagem.redezero.org/rizoma-net/>>.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte / Metafísica do amor / Do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TOM ZÉ. *Entrevista a Jô Soares*. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BX2kw-LPdRA>>.
- ŽIŽEK, Slavoj. *O amor impiedoso*. São Paulo: Autêntica, 2013.

ANEXO

Intestino – Uma viagem da boca ao orifício escatológico

CENA 1 ou Prólogo ou como preferirem

(A peça começa na rua. Um carro de som, parecido com os carros de tele mensagem para aniversariantes. Alguns atores estão dentro do veículo, já trazendo os seus presentes de natal. Outro já estão dentro do teatro. Claudia sai com microfone e começa a passar a mensagem para o público).

Áudio: 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1. PREPAREM-SE! A PARTIR DE AGORA, O SHOW VAI COMEÇAR. A partir de agora começa mais uma “Loucura de Amor”.

Cláudia/Locutora: Alô, alô, alô pessoal, cheguem mais, cheguem mais! Boa noite senhoras e senhores, boa noite juventude! Boa noite a todos e todas que vieram hoje participar deste sagrado encontro. Eu sou Cláudia Tamires e orgulhosamente mais uma vez falo em nome da equipe “Alô Coração: com você nos momentos mais especiais da sua vida”. A partir de agora, vocês são convidados a embarcar numa viagem até o âmago dos sentimentos humanos. Hoje, neste dia tão especial, não temos apenas um homenageado: hoje, o presente é para todos vocês! Uma salva de palmas a todos nós! Nessa época do ano, ao celebrar o nascimento do nosso querido amigo JC, paramos para refletir sobre nossa existência, fazemos um “balanço” do ano, nos permitimos ficar mais abertos para os sentimentos mais puros, como o amor, por exemplo. Por isso, a mensagem de hoje é: amar a todos como Ele nos amou. *(entra música romântica)* “E o que é o amor se não a ferida que dói e não se sente? O sentimento mais sublime, que nos faz enfrentar as maiores dificuldades? Que nos faz passar por cima de barreiras inimagináveis? Não é em nome do amor que aceitamos a *merda*, perdão, os defeitos dos outros? É inevitável. Para falarmos de amor, precisamos falar sobre a sujeira, sobre a merda. Tendemos a pensar que a merda desaparece. Nós enviamos o lixo para o lixão e pronto, nós damos a descarga e adeus. Mas todos sabemos que a merda vai para todos os lugares e de alguma maneira ela faz parte do planeta e de nós. Se amamos o mundo em que vivemos, de alguma maneira temos que amar a merda dele igualmente. E é por isso que estou aqui: Vocês são uma merda, mas eu amo vocês.

Rodrigo: Pessoal, podem ir entrando... Deixa eu explicar melhor: quando nos apaixonamos por alguém, porque só notamos as suas virtudes? O amor verdadeiro é o contrário, é reconhecer a imperfeição. Aceitar a pessoa com todos os seus defeitos...

Bruno Fernandes: *(já no palco, interrompendo o colega)* Foda é quando tem muitos...

Rodrigo: *(Um pouco irritado com a interrupção)* E isso é uma aposta arriscada! O problema é que temos medo de nos apaixonar. Quando idealizamos o amor, vemos o que queremos na outra pessoa

Bruno Busato: A pessoa pode ter matado, roubado, participado de um linchamento, ser machista, racista, homofóbico e a gente nem percebe.

Rodrigo: Não amamos as pessoas e sim a imagem que fazemos delas. E isso é negar a merda.

Ana: A aparição imediata do interior é uma merda informe. A criança pequena que dá sua merda como presente está dando o equivalente imediato do seu interior.

Bruno F: Ain, Que fofo!

Bruno B: Ain, Que nojo!

Ana: Porém, uma das formas que distingue os homens dos animais é que em nós, humanos, a eliminação da merda torna-se um problema: não só por causa do mau cheiro, mas porque ela saiu do nosso íntimo. Temos vergonha da merda porque nela externalizamos a nossa intimidade. Quando o nosso íntimo é diretamente externalizado, o resultado é repulsivo. Um fato instigante é que elevamos o ato de comer a um ritual social sublime, e esse mesmo ato é que ironicamente produz merda!

Bruno F: Recapitulando, a merda faz parte do mundo, há merda nos outros - inclusive naqueles que amamos -, existe merda dentro de nós; ou seja, tem merda em todos os lugares. Negamos o lixo porque negamos os defeitos, esses mesmos “defeitos” que são equivalentes a nossa parte mais íntima. EEE! Uhu!, vamos começar essa peça?

Rodrigo: *(Ainda preso na conversa da Ana)* Esse íntimo que é repulsivo e fede.

Bruno B: *(Borrifando Bom Ar)* Mas é isso aí, vai feder mesmo. Aqui a gente não quer e nem vai tapar nosso nariz e respirar pela boca. A gente vai se expor!

Bruno F: Eu sou reservado.

(Durante toda essa cena, o cenário está sendo arrumado e preparado pra uma festa de natal. Os atores se arrumam para o evento.)

Claudia: Vamos aproveitar, porque hoje, por enquanto é natal.

CENA 2 - Jantar Indigesto

(Entra musica "Jingle Bells, acabou o papel" versão samba. Todos vão aos poucos se posicionando em torno da mesa)

Bruno B: Eu sei que tá todo mundo feliz e tal, mas o natal também pode ser meio bosta, né. Teve uma vez...

Ana: *(interrompe)* Mas a comida é boa, uva passa, farofinha, o Peru... Ai, meu deus, o peru, esqueci o peru *(sai)*.

Claudia: Pessoal, eu trouxe uma maionese que eu mesma fiz hoje mais cedinho, mas olha só, é Hellmann's, porque Hellmann's é a mais gostosa né. *(Rodrigo tenta comer a maionese e leva um tapa na mão)*. Não! Não é pra comer ainda, primeiro precisamos fazer uma oração...

Bruno B: Ué, porque?

Cláudia: Poucas pessoas sabem, mas Hellmann's significa "Homens do Inferno". E é por isso que, na minha família, temos essa tradição de sempre fazer uma oração de desobsessão da maionese antes de comer. Vamos lá, então? Deem as mãos *(Pega a mão deles à força)*, fechem os olhos...

Ana: *(Voltando da cozinha, percebe que é a hora da oração. Para o Rodrigo)* Ah, é a oração, né? *(Dá as mãos)*

Cláudia: Senhor, estamos hoje aqui reunidos em volta dessa mesa para celebrar o nascimento de seu filho, e hoje, paizinho, pedimos: abençoa o alimento, quebra toda obra de feitiçaria que pode estar presente nessa maionese, vai quebrando todo mal, vai quebrando toda obra maligna por onde essa maionese possa ter passado, purifica senhor as indústrias, o comércio, *(nesse momento, todos da mesa complementam a oração e incluem outras coisas como: as galinhas, os caminhoneiros, os trabalhadores da maionese, o e-commerce, os bitcoins, o maquinário, os acionistas da unilever, o CEO)* e todo o lugar por onde essa maionese possa ter passado, não permitindo que esse alimento nos cause qualquer tipo de indigestão ou mau estar. Amém.

Rodrigo: Já dá pra comer? Tô com fome.

Bruno B: E os presentes?

Bruno F: E o peru?

Ana: O peru! *(Ana sai novamente e volta falando do peru como se fosse um paciente)*

Rodrigo: Vamos entregar o amigo secreto?

Claudia: Ai gente, sim, por favor vamos lá!

Bruno B: Mas antes vamos conversar, eu queria contar uma história de natal...

Bruno F: Ai, Sempre alguém quer contar alguma coisa antes do amigo secreto...

Ana: *(voltando)* Mas é natal, época de confraternizar...

Bruno F: Mas é outubro gente. Outubro.

Claudia: É um teatro, Bruno. Já começou a peça. *(Todos olham para plateia)*

Bruno B: Então, como eu tava querendo dizer, uma vez quando eu era criança no Rio de Janeiro, era véspera natal...

Rodrigo: Eu também tenho uma ótima de natal, já trabalhei no natal luz e a Marcia Goldschmidt estava na plateia.

(A partir de agora, Bruno Busato tenta contar sua história sempre que alguém termina de falar, mas sempre é interrompido.)

Bruno F: Se o Papai Noel fosse negro, eu teria maiores oportunidades de emprego no natal.

Claudia: Gente, porque o Papai Noel no Brasil não roupa tropical?

Ana: Essa mania de ficar copiando os americanos...complexo de vira lata.

Bruno F: Sabe quem inventou essa expressão? Nelson Rodrigues, o pai do teatro Brasileiro! *(Todos olham constrangidos para o público)*

Rodrigo: E o Peru minha gente?

Bruno F: Ah pois é...

(Ana sai. Instaura-se um burburinho que vai aumentando enquanto Bruno Busato tenta contar a sua história, sempre sem sucesso.)

Bruno B: *(Levanta e fala bem alto)* Eu vi uma criança ser morta no natal... Era isso que eu queria dizer. Conheci o verdadeiro espírito natalino. Eu vi um garoto ser assassinado na véspera do natal.

(Todos param e olham... Ana entra desavisada e fala)

Ana: Gente, eu dei só mais uma viradinha no peru, deixei ele com as perninhas pra cima, mais 10 minutinhos e tá pronto. Vou lá fazer o molho de laranja.

Bruno B: Espera!

Áudio em off: “Era um final de ano... Quente, muito quente... Final dos anos 70, Rio de Janeiro: 40 graus... O grande centro comercial popular da época era Madureira, zona norte: 50 graus!!! Ahhh... Madureira, terra do samba e dos botecos com cerveja estupidamente gelada! Era antevéspera de Natal, tinha arrumado uns trocados para comprar um presente pra minha mãe, e o lugar que o meu dinheiro valeria mais, com certeza, seria lá. Ao descer do trem: uma multidão... Centenas, milhares de consumidores esperançosos, como eu, em busca do "melhor possível" pelo mais barato!!! Consegui sair do fluxo e me abriguei numa coluna da passarela, em frente à Avenida, por um momento, contemplei aquele "formigueiro" de pessoas, num fluxo insano e contínuo, como várias serpentes, em várias direções... Num certo momento, pensei em desistir da minha empreitada: eu, com 12 anos, certamente seria levada pela multidão...

Chamou minha atenção, uma cena: pelo canteiro central, em meio ao movimento de carros, uma senhora, idosa, transitava, com dificuldade, com a bolsa a tiracolo. Atrás dela, 3 meninos, da minha idade, um pouco mais... Descalços, só de calção, negros e apressados, no encaço da vítima: queriam a bolsa! Eu estava perto para observar, mas longe para avisar... E o "bote" foi dado: na precisão combinada: um puxa a bolsa e joga pro outro, que corre, e o último confunde e empurra a vítima! Plano perfeito se não fosse o detalhe de que a "Coroa" caiu na Avenida e um ônibus passou por cima dela, espalhando seus miolos pelo chão escaldante...

Logo alguém gritou "pega ladrão"... Logo alguém pegou um dos meninos... Outro pediu uma corda, e quando me dei por conta, ele estava amarrado num poste, apanhando de todos: homens, mulheres e crianças, todos ensandecidos... Morreu em minutos, que pra mim, foram uma eternidade... Já estava morto, e as pessoas continuavam a bater, como se todo o mal e todas as frustrações estivessem sendo combatidas e toda "Justiça", estivesse ali, daquele jeito grotesco, sendo feita!!!

Assisti a "turba"!!! A turba é incontrolável: é insana, violenta, a personificação da destruição, sem reparos... E eu, de camarote, presa pela multidão, não me machuquei, protegida que estava pela viga da passarela... Mas tive que assistir ao linchamento, mesmo porque não adiantava fechar os olhos... Por muito tempo ouvi os gritos daquele menino descalço, negro, pobre, e morto... Por muito tempo tive pesadelos, porque aprendi, naquele dia, que as pessoas são capazes de tudo...

E de repente, surpreendida com toda essa violência, percebi que vinha se aproximando pelo viaduto a tropa de choque, os caveiras, pessoal do Bope, armado até os dentes. Para desobstruir a passagem, dispersar a multidão, vieram lançando bombas, gás lacrimogêneo, e o mais incrível aconteceu. As pessoas que participaram do linchamento se voltaram contra os policiais. E surpreendentemente, de suas marmitas, bolsas e sacolas, pularam armas. a população atirou na direção dos policiais. Pessoas comuns, além de serem capazes de matar um adolescente indefeso, também eram capazes de enfrentar as forças constituídas. O Bope recuou, voltou. Eram muitas pessoas armadas. Eles deixaram as pessoas saciarem suas vontades, até mesmo porque o moleque já estava

morto, não valia a pena se arriscar. E eu pensei, pela cabeça dos policiais, “bandido bom é bandido morto mesmo”. Ele já estava morto. Então os policiais recuaram e depois de saciada a vontade de justiça, as pessoas se dispersaram como se nada tivesse acontecido.”

(Enquanto o áudio acontece, os atores usam frutas que estão na mesa e comidas para simular a história formando imagens. Um dos atores filma essa simulação, que é projetada no fundo do palco.)

Bruno F./Feirante: É verdade, eu estava lá, eu vendia frutas na feira, eu conhecia os meninos...

Cláudia/Suicida: Eu também estava lá, eu vi tudo e não fiz nada.

Ana/Mulher: Eu estava na hora do meu intervalo, fumando meu cigarro, eu vi a justiça sendo feita.

Rodrigo/Homem: Eu fui levar um presente para a minha ex-namorada, que trabalhava ali perto, vi tudo mas não consegui fazer nada...

Cláudia/Suicida/Comida: E sabe o que é pior, eu senti inveja daquela velha....

CENA 4 - Comida

Cláudia/Suicida/Comida: Eu senti inveja, daquela senhora. Eu queria ser a morta, a engolida depois de mastigada e por fim transformada em outra coisa... em um nutriente talvez... ou naquelas gordurinhas que se depositam na sua cintura... Ou então naquela graxa que entope suas artérias coronarianas. O que eu queria mesmo era saciar fome de alguém! Sabe aquelas pessoas que ficam nervosas e comem demais, ficam tristes e comem demais, sentem um vazio por dentro e preenchem com comida? Eu amo essas pessoas! Eu me sinto útil.

Cláudia: Algum tempo atrás eu tive um namorado, ele me comia, me mastigava, me engolia e depois me vomitava. Até que uma dia ele percebeu que de mim só sobraram uns pedaços mal digeridos e deformados, aí ele puxou a descarga. Agora eu tô aqui tentando juntar o que restou.

Cláudia/Suicida: Vocês já se sentiram assim? Ou melhor, vocês já deixaram de sentir? Sabem? Quando a comida perde o sabor, quando não temos apetite, nem alegria, nem tristeza, nem raiva, nem tesão, nem choro, nem gozo, nem nada, só um vazio, uma apatia... Era assim que eu me sentia e eu sei que vocês estão me julgando, talvez pensando “Meu deus que pessoa horrível”, “Você não sentiu pena do garoto?”, “e da velha também não?”, “você é má”. Porra! Eu não sou a madre Tereza tá bom? E vocês querem saber da verdade? Eu tô pouco me fudendo pras mazelas do mundo... e quanto às minhas? Egoísta você vai dizer. A verdade é que todo mundo aqui vai morrer e vai virar comida pra parasitas. E talvez seja esse o ciclo da vida, alguns nascem pra comer bem e para bem serem servidos, enquanto que outros para serem devorados, para sentir fome, pra constantemente lembrar do vazio no

estômago. Sinceramente? Eu até acho que foi melhor assim pro piá, uma vida boa certamente ele não tinha, era só questão de tempo. Morreu cedo, mas já devia ter visto muita merda...

Bruno: (*Mudando de assunto*) Acho que a gente desviou um pouquinho do assunto. A gente estava falando sobre comida. Uma vez que a comida é ingerida por um organismo, fornece elementos... (*Percebe que Cláudia está imóvel. Dá uma empurrada, mas ela não reage*) ...elementos nutritivos e permite a conservação das suas vi-das (*Soletrando para Cláudia e aguardando uma resposta*). No entanto, o número e o conteúdo das refeições do ser humano, dependem de uma série de fatores, tais como ambi-en-tal e soci-al (*Ainda soletrando sem sucesso; por fim, fica irritado e grita*). Elas também podem ser realizadas com fins lucrativos ou gratificantes.

Claudia/Comida/Cheff: Sabe o que é gratificante?

Bruno F: O que? Sexo sem camisinha com gozada no final?

Rodrigo: Amor correspondido?

Ana: Drogas? Drogas, com certeza.

Claudia/Comida/Cheff: Não, idiotas. Essa receitinha que eu vou ensinar pra vocês: Tem dias que a gente acorda com aquela vontade de extravasar não é mesmo? De colocar tudo pra fora e dar vazão pros nossos instintos mais selvagens, tem pessoas que utilizam a yoga, terapias, esportes, artes, culinária, sexo... Hoje eu vou ensinar uma receitinha super fácil e rápida que pode ajudar você a aplicar a sua energia, e se você seguir o passo a passo direitinho, ainda pode ganhar o título de justiceiro ou herói, porque nada como fazer justiça com as próprias mãos pra dar aquela sensação gostosa de alívio e ter uma noite de sono tranquila. Essa é uma receitinha que cai muito bem para um almoço de domingo, por exemplo, ou então em datas comemorativas como Natal, que são datas onde a maioria das pessoas fica mais sensível. **VOCÊ VAI PRECISAR DE:** Massa: Aqui vai depender do rendimento esperado, pode variar de uma dúzia até dezenas de pessoas, mas o importante é que estejam bastante furiosas e ensandecidas. Uma forma diferente de fazer a massa é utilizando as redes sociais, você pode, por exemplo, organizar um evento no facebook, marque data e hora e incite bastante violência á massa. Fique atento e procure sempre evitar culpados caucasianos e não se esqueça do fermento: quanto mais escura for a pele do “culpado” mais ajuda a crescer a massa! Cobertura: Fica por conta da mídia sensacionalista, indico programas locais como “cidade alerta”, por exemplo, mas você pode escolher algum da sua preferência.

Recheio: Esse vai ser o seu motivo, precisa ser algo forte que justifique a violência e gere comoção. Por exemplo, você pode pegar o piá que assaltou uma velha, uma mulher que maltratou um mendigo, ou o cara que roubou do estabelecimento. Você não precisa necessariamente se importar com a velha, o mendigo ou o dono do estabelecimento, mas é importante que você convença as outras pessoas de que você é uma boa pessoa a procura de justiça, importante: repita essa palavra várias vezes para o

recheio ficar mais consistente. **MODO DE PREPARO:** Depois que você tiver todos os ingredientes, junte a massa e o recheio num local público, pode ser numa praça ou avenida movimentada. Para dar um ar mais “vintage” à receita (como nos tempos da vovó) prenda o “culpado” num poste e abuse dos temperos: pedras, paus, cassetetes, armas, facas, facões, arames farpados, água fervente e cordas a gosto. Grite palavras de ordem e pedidos de justiça a todo o pulmão, isso vai ser importante para deixar a massa ainda mais inflada. O próximo passo é assar bem, ateie fogo sem pena no poste. Por último a cobertura, e fica a seu critério ceder entrevista ou ir embora o mais rápido possível, se resolver falar com a mídia não se esqueça de chorar e de repetir palavra “justiça”.

Dica de Chef: Pode ser que você encontre defensores dos “direitos humanos” que possam causar problemas. Para se livrar deles coloque a massa contra e os chame de “defensores de vagabundo” aposte no sentimentalismo barato e discussões rasas que não aprofundem de verdade no problema, apelando para frases como: “E a família da senhorinha como fica?” ou “O cidadão trabalha o ano inteiro, o dia todo, paga as contas em dia pra vir um vagabundo roubar o que conquistou com suor?” ou ainda “Ficou com pena? Porque não pega pra criar? Leva pra casa, deve ter outros bandidos de estimação”. Essas frases são infalíveis e não deixarão sua receita abatumar. Boa sorte!

Bruno Busato: Obrigado, Claudia. Essa receita parece deliciosa. Quer um água, alguma coisa para se acalmar? Não, tudo bem, desculpa, só que você parecia um pouco raivosa, amarga, mas tudo bem, não falo mais nada. Tchau, a gente se encontra mais na frente. *(para o público)* Vocês sabiam que ela é vegetariana? Quem diria, né?

CENA 5 – Boca

(Ana está esperando para ser servida, aqui ela pode abusar da sensualidade).

Bruno B: *(entra com o prato para servir a Ana)* Ah, com licença senhora Ana, aqui está o seu prato, espero que esteja do seu gosto, foi exatamente como você pediu. *(para o público)* Como vocês sabem, comer não é só uma questão de matar a fome. A decisão sobre qual comida colocar no prato e na boca tem implicações econômicas, ambientais, éticas, culturais, fisiológicas, filosóficas, históricas e religiosas. *(para Ana)* E então, está do seu gosto?

Ana: *(analisando a qualidade do alimento)* A faca desce macia, corta sem esforço. Está dourada e crocante nas bordas, tenra e úmida no centro. Hmmmmmm. Você põe a carne na boca e mastiga devagar... o tempero... a maciez.... a temperatura. O sumo que escorre e enche a boca. O sabor é incomparável. Carne é bom. Dizem que os seres humanos não teriam evoluído se não fosse a ingesta de proteínas animais, Mas que tal assistir à mesma cena sob outra perspectiva? No prato jaz um pedaço de músculo, amputado de um animal que nem você. Com a faca, você serra os feixes musculares. A seguir, coloca o tecido morto na boca e começa a dilacerá-lo com os dentes. As fibras

musculares, células compridas – de até 4 centímetros – e resistentes, são picadas em pedaços. Na sua boca, a água se espalha, carregando organelas celulares e todas as vitaminas, os minerais e a abundante gordura que tornavam o músculo capaz de realizar suas funções, inclusive a de se contrair, correr, fugir, roubar, gritar. Sim, meu caros, estamos comendo um cadáver. Ou dois.

Bruno B. e Bruno F.: Cádaver? Onde? Quando?

Ana: Ontem, em Madureira. Eu estava lá. Eu estava lá intervalo do meu serviço e vi... E eu senti tanta raiva que eu gritava e babava ao mesmo tempo: bate, mata, bate... Sabe, que essa foi a segunda vez que eu tive vontade de matar, da outra vez também foi um homem, olha a coincidência. Toda mulher já foi estuprada, ou abusada, ou já assistiu a mãe sofrer com o padrasto. Ou já teve um relacionamento abusivo né, Claudia!?

Ana: Eu lembro de uma vez eu estava bebendo em um barzinho com uma amiga, e é isso que eu lembro. No outro dia eu acordei nua do lado de um homem que eu não me recordo de ter conhecido. Fui embora daquele lugar e quis esquecer. Mas não pude completamente pois peguei sífilis. Tratei da doença com injeções de benzetacil na bunda e esqueci novamente. Esses dias eu reencontrei o sujeito. Ele vende balas de coco numa sinaleira perto da minha casa. Que merda, né. Eu nem pude me dar ao luxo de esquecer...

Sobre o que estávamos falando mesmo? Ah, sobre vontade de matar... Essa foi a segunda vez que eu tive vontade de matar...

(Interrogatório; todos sentam Ana à força na cadeira e seguram-na pelos ombros)

Ana: Mas não, eu tive vontade, só vontade... A diferença é que na primeira vez as imagens se criaram apenas na minha cabeça... Não, eu não encostei nele, fiquei ali assistindo e... fumando meu cigarro. Não foi como se eu tivesse matado ele. Eu assisti, Isso eu fiz, quer dizer não fiz nada. Gritei e falei também, mas isso também é nada, não me sujei. O que eu disse não fez diferença. A culpa não é minha, com certeza não é minha. Não me olhem assim. Ele mereceu, não? Vocês entendem que ele mereceu... Eu não vou ficar aqui mastigando e explicando tudo pra vocês, o que o menino fez. Vocês são burros? Engulam, azar. Já sei o que vocês estão pensando... “mas isso não é saudável!” “esse seu comportamento não é saudável!”... E eu digo: o que é ser saudável!? *(se recompõe e muda o tom)* Vem comigo!

(Programa de TV estilo Ana Maria Braga)

Ana: Eu acho que não existe uma maneira só de ser saudável. Quando existe uma só maneira, as pessoas costumam adoecer porque ficam obcecadas pelos sintomas do sucesso da saúde física, intelectual, o que quer que seja. Eu tendo a achar meio moralista. É o yin yang, filosofia milenar

chinesa: um cigarro e um suco, masculino e feminino, passivo e ativo, preto e branco. Os chineses, lembrando, vivem em média 77 anos e lá não se enxerga a 2m do rosto por causa da poluição...

Ana: A verdade é que todos vamos morrer, isso é uma das nossas únicas certezas...e no meio tempo usamos um corpo casca feito de matérias moles, duras, gosmentas, fedidas e cheirosas, no meio tempo cagamos e mijamos muitas vezes o nosso próprio peso, o peso do nosso corpo, que pesa. Será que é só isso?

(Esse áudio a seguir foi cortado da peça na versão final. A ideia era que descêssemos do palco com baldes cheios de bolinhas e que interagíssemos com a plateia em determinados momentos.)

Áudio em off: Sintam o seu corpo, toquem a boca, ela é o nosso portal de entrada...Sabe qual a diferença entre a boca e o anus? Um entra e o outro sai... ok. não necessariamente... Se você enfiar a mão dentro da boca você terá vontade de vomitar, não faça isso. Se você introduzir algo no seu ânus, talvez seja bom... faça isso, mas não agora. Agora desçam a mão da boca até a barriga e botem a mão fundo na boca do estômago. Aí vai doer. Encontre alguém. Sinta teus dedos apertar a carne do outro, fica com a mão. Pensa em machucar esse alguém, em dar um soco na boca do estômago desse alguém. O que tu sentiria? Doeria em ti? Sentir a carne do outro na tua mão, macia de barriga que nasceu da barriga de outro alguém. Sentir que tu machucou alguém que também tem barriga, que nem a tua, que a tua mãe fez, amou, cuidou e a do outro também...No meio tempo, nós do mundo, vamos nos estragando ou esvaindo até acabar, queimamos oxigênio desde que os pulmões abrem até morrermos. Come uma maçã, vai te fazer bem....Sem as mãos. Se não fossem as injustiças não haveriam as insurgências e nas insurgências morrem pessoas, com mães, com pernas, barrigas, olhos, que já foram nenês, que querem o mínimo, que comem, moram, vivem. Caem pelos outros. Para que os outros possam. Os outros. Nunca eles. Os outros existem porque nós existimos. Outros em seus registros, nós no nosso, vários eus, nós e outros na mesma pessoa, no mesmo tempo pra preencher o tempo antes de morrermos. E nos envolvemos muito com o processo esse de viver. Podem parar de comer. Andem pelo espaço. Se encontrem, como quiserem, não importa o que isso significa, se é individual ou conjunto. Se encontrem. Nós todos existimos no mesmo período de tempo... no tempo das insurgências. Nós mulheres, já fomos bebês, já tivemos distúrbios alimentares, omitimos desejos, sonhos, procuramos agradar, talvez já tenhamos engravidado alguma vez, sentido alguma coisa formando dentro, escondemos o nosso cocô, machucamos nossas gargantas e cus pelos outros e também por nós mesmas, porque talvez aquilo significasse uma insurgência pra nós, talvez aliviasse alguma dor que a gente sentia. Machucou o nosso corpo mas nos deixou bem a curto prazo. Isso pode, tudo pode. Parem, se ajoelhem. Vocês três são homens gays. Vocês mentiram, aprenderam, desaprenderam, se apropriaram, entenderam e se educaram pra poder viver, existir e operar como querem. Vocês se mexem diferente dos outros homens, vocês falam diferente dos outros homens, vocês tem ídolos diferentes dos outros homens. Outros. Homens. Vocês se machucaram, foram

machucados, olhados, examinados, impedidos e provavelmente mentiram pra si mesmos, fizeram coisas pra provar pontos, pensaram até dormir e inventaram alguém diferente pra ser durante um tempo por vocês. Somos outros pros outros, isso pode, porque era a única maneira alcançável de ser quem vocês eram e queriam ser. Levantem, virem pra parede, um menino morto colorido com tudo o que sobrou pra trás, uma mulher morta resistente com o que podia ser. Passamos o tempo até morrer e somos frágeis. Talvez por isso a gente possa se apaixonar por alguém, sentir ternura por patas de cachorro, ter vontade de chorar ouvindo música, amar com toda a força do mundo o cheiro da nossa mãe com café porque lembra a infância, transbordar de pena e orgulho de si mesmo e alternar os dois estados no mesmo dia. Virem pra frente, se belisquem. vocês notam que dói? É um sinal de alerta para que a gente não continue ali e não sinta dor porque pode ser perigoso pros nossos corpos. Achem um balde, ou um copo, embaixo da cadeira de vcs. Anestesiarem pra não sentir e encontrar uma felicidade e um sentido que nem sempre existem, procurar procurar procurar procurar procurar procurar procurar procurar sentido pra viver. Pra ser feliz. Encontraram? Botem no dedo. Se mostrem. Vocês encontraram isso no balde, copo. Mas é só uma metáfora e encontrar felicidade em si é uma metáfora porque não se vê a felicidade por isso as pessoas se matam, porque elas não tem como fazer uma coisa impossível de fazer, que é encontrar felicidade como se fosse um encontro com um amigo na esquina mas no meio tempo entre a vida e a morte a gente aprende alguma coisa. Esse período se chama vida e nós estamos vivendo as nossas ao mesmo tempo no mundo. Pode ser um passeio no campo ou uma repartição pública com luz fluorescente. Os dois podem ser bons ou ruins. Liga a luz.

Ana: Agora performem uma cirurgia em mim. (*Entram todos com facas grandes e passam pelo corpo da Ana, que está deitada, de roupa íntima, na mesa no centro do palco*) Vocês teriam coragem de me cortar? Onde vocês acham que doeria mais? Vocês me ajudariam se eu precisasse? Acho que nenhum de vocês me cortaria e nem me machucaria e vocês aprenderam isso em vida, no mundo, antes da morte, também no mundo. Vocês notam que a gente não conhece nada além disso? E que o bom só existe em comparação ao ruim? E as insurgências por causa das injustiças? Amamos porque é só o que temos no momento.

CENA 6 – Estômago

Rodrigo: Nesse momento vocês talvez estejam achando que nada aqui faz muito sentido. Confesso que às vezes eu também me perco. Qual a ligação entre todas essas coisas? Calma, eu vou mostrar pra vocês. Eu represento o estômago... aquele que dói quando sente fome. Aliás, essa foi uma dor eu nunca senti. Mas e vocês, vocês tem fome de quê? (*Todos entram cantando, cada um em uma estrofe*) “Bebida é água; comida é pasto; você tem sede de quê?; você tem fome de quê?; a gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte!”. (*Saem todos menos Bruno F., que continua cantando mais uma parte da música sozinho*) Tem uma música que é assim. Eu sou aquele que dói quando se

sente fome e que dói quando a comida é podre. Mas não se preocupem, esse desconforto pode ser facilmente resolvido com a ingestão de remédios paliativos... *(Entram todos, enchem taças com remédio efervescente, brindam, colocam na boca e, rindo, cospem no Rodrigo)*.

Rodrigo: *(enjoado)* Desculpa, não estou me sentindo bem, estou enjoado, acho que preciso vomitar. Deve ter sido a maionese, ou a morte ou a merda. *(Finge vomitar na privada)* *(Rindo)* Mentira, eu não vou vomitar, foi alarme falso. Hoje eu vou digerir, estou me sentindo mais forte... tipo estômago de avestruz. *(Imita um avestruz e segue indicações dos outros atores: colocar um ovo, chocar um ovo, proteger da águia, beber água da privada)* No estômago é onde tudo se mistura, se liga, se transforma numa coisa só, num bolo. *(Claudia entra e senta na cadeira)* Hey, qual o teu problema?

Claudia: Unha encravada.

Rodrigo: Porque tua unha tá encravada?

Claudia: Porque o meu sapato tá muito apertado.

Rodrigo: E porque o sapato tá apertado?

Claudia: Por causa da retenção de líquido

Rodrigo: Por que tu tem retenção de líquido?

Claudia: Porque eu como muito sal.

Rodrigo: Porque come muito sal?

Claudia: Porque comida barata e industrializada tem muito sal.

Rodrigo: Por que não come comida saudável?

Claudia: Porque comida saudável é mais cara.

Rodrigo: Por que comida saudável é mais cara?

Claudia: Porque não consegue ser produzida em massa.

Rodrigo: E por que comida saudável não consegue ser produzida em massa?

Claudia: Por causa do agronegócio.

Rodrigo: Agronegócio! A unha encravada é culpa do agronegócio. *(Para a plateia)* Conseguem ver a ligação agora? Da boca até a saída do estômago, uma boa digestão demora 3 horas. Aquilo durou minutos, mas foi como um soco bem aqui. O meu ácido se tornou mais forte e me corrói por dentro. Eu estava lá. Eu fui entregar um presente e uma carta para minha ex-namorada:

Rodrigo: *(Lendo a carta)* “Há três anos o meu pedido de ano novo tem sido um só. Se há três anos ele se repete, provavelmente já conseguimos supor que o pedido não tem funcionado. Há quem peça por saúde, dinheiro, sucesso, amor.

(Entra música alta, Bruno Busato interrompe, bêbado, e propõe um brinde aos defeitos. No final, outros atores colocam-no ao fundo do palco. Todos se preparam para um jogo de meia-meia lua. Rodrigo reinicia a leitura da carta e dá pausas dentro da métrica do jogo. O texto da carta é dado fragmentado. Em determinado momento, atores tiram a carta das mãos do Rodrigo e brincam de “bobinho”, zombando do que está escrito na carta. No final, Rodrigo cansa e Bruno Busato pega a carta e lê integralmente, enquanto Rodrigo e Bruno Fernandes simulam uma cena de sexo)

Bruno Busato: *(Lendo)* “Há três anos o meu pedido de ano novo tem sido um só. Se há três anos ele se repete, provavelmente já conseguimos supor que o pedido não tem funcionado. Há quem peça por saúde, dinheiro, sucesso, amor. Há quem peça por um emprego, pela pessoa amada, pela chegada de um filho. E, há quem peça pela sua própria morte. Eu jamais pedi pela minha própria morte. Não desse jeito: quero morrer, me tira a vida, me leve daqui. Mas eu pedi que uma parte de mim morresse, que desejos meus deixassem de serem meus, que eu acordasse no dia seguinte com o pau latejando por um corpo que não fosse do mesmo sexo que o meu. Por mais que eu pedisse por isso até o último brinde com champanhe, que eu não gosto de beber, todos os meus anos dali em diante seriam incompreendidos e frustrados. Eu pedi que eu conseguisse te amar do mesmo jeito, porque eu acreditei que tu fosses à mulher da minha vida. Não só eu. As cartas também disseram isso. E eu não acho que eu ou ela tenhamos errado. Tu foste a mulher da minha vida. Sardenta, quase ruiva, carinhosa e intensamente desmascarada. Eu te devo o ar da minha adolescência. Eu te devo o prazer de um amor correspondido. Eu te devo a torcida eterna e a tua felicidade.”

Rodrigo: Mas eu não tive tempo de entregar... Os movimentos peristálticos me empurraram goela abaixo aquele bolo de violência que agora era minha responsabilidade. A carne crua é mais difícil de engolir.

CENA 7 – Intestino

(Partitura dia-a-dia/rotina)

(Residentes carregam Dr. Delgado e montam cenário para cirurgia. Em seguida, colocam seus trajés cirúrgicos)

Bruno/Dr. Delgado: Todo corpo possui um intestino, que é um dos responsáveis por exercer uma função essencial do corpo: extrair energia dos alimentos. Mas ele vai além, graças a uma força que nem humana é. Um intestino saudável é um intestino colonizado por bactérias. Inclusive, há mais

bactérias no seu intestino do que estrelas na via láctea. Mas não se assustem; essas bactérias não são parasitas. Os vermes são parasitas. Eles se alojam e num hospedeiro e se reproduzem, extraindo energia e nutrientes do corpo que habitam. Eles podem ser encontrados na família, na escola, no ambiente de trabalho, na política, e dentro de você. O seu corpo não é mais só seu. Seu corpo é uma espécie de galáxia. Talvez a gente seja algum tipo de bactéria do universo.

(Residentes iniciam procedimento de lavagem de mãos)

Bruno/Dr. Delgado: A antissepsia cirúrgica das mãos é o procedimento que tem como objetivo eliminar a microbiota transitória da pele e reduzir a microbiota residente, além de proporcionar efeito residual na pele do profissional. É necessário inspecionar as superfícies das mãos para cortes ou rupturas na pele ou nas cutículas. Reportar e cobrir as lesões, antes de fornecer o cuidado com o paciente. Se as mãos tocarem a pia durante a lavagem, é necessário repetir até que não encostem. Lavar as mãos usando bastante espuma e fricção no mínimo 10 a 15 segundos. Entrelaçar os dedos, bem como friccionar as palmas e a parte dorsal da mão com movimentos circulares pelo menos cinco vezes em cada uma delas. Manter as pontas dos dedos abaixadas, para facilitar a remoção dos microorganismos – Na seguinte seqüência: palma, dorso, dedos, unhas e punho. O atrito e a fricção amolecem mecanicamente, removendo a sujeira e as bactérias transitórias. Entrelaçar os dedos e os polegares assegura que todas as superfícies estejam limpas. A secagem das mãos impede o enrugamento da pele. Boa noite, residentes.

Todos/Residentes: Boa noite, Dr. Delgado.

Bruno/Dr. Delgado: Daremos início ao começo dos nossos procedimentos iniciais. Quem estudou o caso? *(Todos levantam as mãos)* Residente 3, apresente o paciente. Nome.

Cláudia/Residente 3: Não identificado.

Bruno/Dr. Delgado: Idade.

Cláudia/Residente 3: Entre 17 e 47 anos.

Bruno/Dr. Delgado: Sintomas apresentados.

Cláudia/Residente 3: Barriga inchada ou excesso de gases. Cansaço frequente sem razão aparente. Coceira no ânus. Diarreia e prisão de ventre. Pequenos pontos brancos nas fezes. Muita ou pouca fome. Fezes muito escuras.

Bruno/Dr. Delgado: Qual o procedimento recomendado?

Rodrigo/Residente 1: Cirurgia de remoção de *Ascaris Lumbricoides*.

Bruno F./Residente 2: Acompanhamento psicológico.

disso tudo. Fiquei com uma sensação de pequenez. Me senti uma formiga numa terra de gigantes imortais. Descobri que os mistérios do universo me intrigam. Mas também me causam ansiedade, por saber que eu nunca terei várias das respostas que anseio.

Bruno/Testemunha: Eu vi um garoto ser morto no natal... Assisti a "turba"!!! (*Interage com privada que está no palco*) A turba é incontrolável: é insana, violenta, a personificação da destruição, sem reparos... Tive que assistir ao linchamento, mesmo porque não adiantava fechar os olhos... Por muito tempo ouvi os gritos daquele menino descalço, negro, pobre, e morto... Por muito tempo tive pesadelos, porque aprendi, naquele dia, que as pessoas são capazes de tudo... (*Sentado no vaso, bebe uma taça de vinho e derrama tudo pela camiseta*). Eu vi uma velha também. Vi os seus miolos. O cérebro esmagado...

Bruno/Testemunha/Palestrante: Vocês sabiam que o intestino é considerado o segundo cérebro? Ele tem mais neurônios que a espinha dorsal e age independentemente do sistema nervoso central. Esse cérebro "independente" em nossas entranhas e sua complexa comunidade microbiana influem no nosso bem-estar geral.

Bruno/Palestrante: O sistema digestório é todo orquestrado visando o máximo aproveitamento daquilo que é necessário ao corpo e o descarte daquilo que não tem serventia. O processo tem início com a ingestão da comida. O próprio cheiro do alimento já estimula a produção de saliva e da sede de vingança. Nesse momento o animal já está morto e, mesmo assim, as pessoas insistem em continuar batendo, como se estivessem cumprindo um senso de justiça. O alimento é então colocado na boca, único momento do processo todo em que há uma decisão consciente, a decisão de tomar partido na selvageria que está se estabelecendo. Em seguida, o alimento compactado é encaminhado, pela faringe e pelo esôfago, ao estômago. Aqui, aqueles que tomaram aquela decisão de se envolver são tomados pelo ácido liberado e pela adrenalina e são massificados e compactados em uma bola alimentar que, ensandecida, amarra, bate e mata. Logo vem o intestino. Lá acontece a parte mais refinada da digestão: a absorção dos nutrientes e de tudo aquilo que se é capaz de fazer para saciar um desejo de justiça. É o momento do dar-se conta. Da reflexão. Depois do intestino, vem o ânus, também chamado de...

CENA 8 - CU

Bruno F.: Opa, essa é a minha parte! Eu estou aqui representando o ânus. Também chamado de cu quando se quer chocar o ouvinte. Eu. No meio de tantos atores lindos e de tantos órgãos incríveis, justamente eu fiquei com a parte do cu. Mas eu até gostei. Gostei porque quando a gente conhece um cu a gente não esquece. Às vezes a gente esquece. O cu é tabu, é preconceito, é uma condenação. De certa forma o cu se associa a uma vergonha ou algo que não se tenha orgulho de sustentar. As pessoas se importam muito com o cu alheio. Mas o cu é só local de passagem, de estadia breve. Algo que serve

para vir e voltar e novamente ir e às vezes dar um toque, às vezes dois toques e as vezes até três. Um belo dia os órgãos começaram a discutir qual deles era o mais importante para o corpo humano. O cérebro já saiu na frente dizendo “eu sou o mais importante, sou eu quem penso em tudo e comando os outros.” O coração, puto da cara e completamente acelerado disse “para com isso cérebro sou eu quem bombeia o sangue para você trabalhar.” O pulmão ficou indignado e também disse que era o mais importante pois o que seria dos outros órgãos sem oxigênio. Aí chegou o intestino, grosso como sempre e disse “calem a boca vocês não sabem o que dizem, se não é por mim quem é que iria eliminar aquilo que não serve para o corpo?” A discussão foi aumentando cada vez mais pois o fígado, o esôfago e os rins também defenderam sua posição, seguido do pâncreas que é um ordinário completamente arrogante. Então lá do fundo, bem no fundinho o cu faz um bico e se manifesta com uma voz bem fininha: “Eu sou o mais importante”. Todos riram, a gargalhada foi geral, o cérebro foi o primeiro a sacanear. Não seja ridículo, você é um fedido que vive no escuro a única coisa que você faz é merda. Aliás você não é nem um órgão. É no máximo uma extensão. Diante disso, o cu ficou ofendidíssimo e se fechou completamente. E cu magoado quando resolve fechar não abre por nada no mundo. No primeiro dia ninguém sentiu muito a greve do cu, no terceiro dia o intestino começou a entrar em colapso por causa da superlotação, no sexto dia o coração começou a sentir os efeitos da pressão e os órgãos um a um foram entrando em paranóia. Até que fizeram um abaixo assinado implorando a reabertura do cu e atenderam todas as suas reivindicações. O cu é quando a velhinha assaltada morre atropelada ao tentar fugir de um assalto. Voa merda pra todos os lados. Mas também pode ser local de prazer. Um Playground. O prazer do cu pode ser comparado ao fascínio que a humanidade tem por unicórnios agora estampados em todos os lugares, muitos não acreditam é difícil de explicar, basta sentir.

(Entra a música “Salva a Humanidade”, do Tom Zé. Todos dançam. Durante algumas pausas da coreografia, Bruno Fernandes lista algumas curiosidades sobre o ânus.)

CUriosidades:

- 1) As aves usam o cu para reprodução; e para ser cu também.
- 2) Os pepinos do mar usam o cu para respirar.
- 3) Na Grécia Antiga, o sexo anal era uma prática comum. Evidências sugerem que eles usavam azeite de oliva na hora do sexo. Mesmo naquela época, os gregos já sabiam da importância de um bom lubrificante.
- 4) Depois que entra uma mão, o cu jamais voltará ao seu tamanho original. Essa não tem embasamento científico.
- 5) Você pode até achar que não, mas quanto mais tempo você fica sentado na privada, maiores são as chances de ter hemorroidas.

Claudia: Ai meu Deus, eu fico um monte!

Bruno F.: É, Claudia. Melhor não sentar.

(Nos instantes finais da música, atores ajeitam cenário e Bruno F. recolhe laranjas que rolam pelo chão.)

Bruno F./Feirante: Eu tava lá, eu trabalhava na banca de frutas ali perto. Foi uma confusão, caíram todas as frutas no chão. Voou banana pra tudo que é lado. Eu conhecia aquele menino, não era ruim, nem bom. Talvez tivesse fome, talvez quisesse comprar algum presente pra sua família, talvez ele quisesse comprar drogas, não sei. Mais um menino, quase adolescente, preto, pobre e morto. Eu não acho justo que o garoto tenha sido assassinado mas se ele não tivesse roubado antes nada disso teria acontecido. Ele morreu porque a senhora morreu antes. Uma vida vale pela outra. O que eu senti? Acho que foi um desconforto. Pena mesmo. Eles tinham seus motivos mas certo eles não tavam. Ou será que eles tavam. Vai saber. Como é que a gente vai ter certeza do que é certo?

Bruno F.: Sabe aquela sensação que a gente tem quando encontra uma pessoa desconhecida na rua ou em qualquer outro lugar e olha pra ela e ela te olha de volta e durante um momento muito rápido, poucas frações de segundo e a gente identifica se a pessoa de fato é uma ameaça ou alguém completamente inofensivo que só vai passar por você ou talvez possa até ser uma pessoa conhecida que você não tinha visto direito antes. A sensação daquela fração de tempo, aquele momento tão rápido em que a gente olha um desconhecido ou uma desconhecida e percebe se está tudo bem ou não. Eu vou contar três histórias que aconteceram comigo. Na verdade eu gostaria que vocês pudessem imaginar essas histórias. Que vocês pudessem pensar nelas a partir dos meus olhos fechando os de vocês. Isso. Fechem os olhos de verdade. Todos. Não vou continuar enquanto não fecharem de verdade. Eu vou contar as histórias e vocês imaginem. Se em algum momento vocês tiverem alguma dificuldade em imaginar podem abrir os olhos e olhar pra mim que talvez eu possa estar fazendo alguma coisa que possa ajudar vocês a continuar imaginando. Mas não demorem muito na olhada, tentem imaginar de verdade.

Porque não é bom sair de casa caminhando, as ruas estão muito violentas. Uma be la manhã de sábado eu acordei para trabalhar como garçom num restaurante de comida natural em que fazia trabalhos de freela de garçom. Naquele sábado eu precisa chegar num horário limite pra poder bater o ponto para um amigo que eu estava substituindo. Essa pessoa dependia da minha chegada na hora pra ganhar mais um pouco no final do mês.. Então resolvo chamar um 99. Vou falar o nome da empresa pra ser bem específico e não ser desleal embora todas se juntam de forma ordinária na hora de tratar alguns clientes. E ele chegou na minha casa, mas chegou no horário limite pra eu poder bater o ponto na hora correta. até que ele chega e para na frente da minha casa do outro lado da rua

CENA 9 – Merda

Cláudia/Cocoach: Método para obter uma vida saudável, próspera e abundante: Eu desenvolvi meu método de cura a partir de um questionamento que uma vez me fizeram: “Como se manter saudável

em um mundo doente”, mas antes de contar para vocês qual foi a minha resposta e como criei o método, eu gostaria de saber de vocês, vocês acham que o mundo em que vivemos está doente? Sim? Infelizmente meu dever é avisá-los que vocês estão errados, mas não se sintam inferiores, vocês apenas representam e ou reproduzem o pensamento de mais da metade da população mundial. O mundo não está doente, vocês é que estão doentes, e o que impede vocês de terem a sua vida dos sonhos são vocês mesmos! Provavelmente vocês gastam seu precioso tempo pensando nos outros ou refletindo sobre o mundo, não faça isso, aplique seu tempo! Enquanto eles dormem, enquanto eles vivem, enquanto eles pensam, você investe. Esse é um dos princípios dos vencedores. Se vocês ainda não se sentem vitoriosos é por conta de suas vibrações negativas e crenças limitantes, mas não se preocupem, vocês vieram ao lugar certo e hoje vou ensiná-los a serem co-criadores da própria história de sucesso, através do meu método de harmonização quântica e reprogramação mental. São apenas duas etapas muito simples: Repetição das FRASES DE PODER e MEDITAÇÃO GUIADA PARA CURA TOTAL. Acompanhem e repitam comigo 5x as FRASES DE PODER: NÃO ESCUTO, NÃO VEJO, NÃO FALO, NÃO ME IMPORTO. Agora acompanhem a meditação guiada:

Áudio em off: Olá, seja muito bem-vindo ou bem-vinda a essa meditação. Procure um lugar confortável, respire fundo, solte o ar pela boca, mais uma vez. Relaxe. Agora eu quero que você se visualize em sua cama, você acorda e está com uma enorme vontade de evacuar, você se encaminha até o banheiro levanta a tampa da privada e senta-se, aquele desconforto estomacal continua, então você começa a fazer a contração abdominal, sente seu ânus contraindo e abrindo, contraindo e abrindo, e bem devagarinho suas fezes vão caindo e puft, caem na privada. Agora você se levanta e observa seu cocô, ele está com uma cor amarelo/marrom e o odor é fortíssimo, você percebe restos de alimentos nele, que representam todos os seus sentimentos ruins guardados, mágoas, angústias, hábitos, crenças limitantes, e você sente o fedor impregnar todo banheiro, então você se abaixa, pega seu cocô na mão e o come, você mastiga seu cocô, saboreia seu cocô, e então engole o seu cocô, nesse momento o fedor diminui. Agora pense no caminho que esse cocô vai percorrer pelo seu corpo, imagine ele com uma cor violeta, que passa pela garganta, laringe, e chega até o seu estômago, agora ative as enzimas do perdão, essas enzimas destroem tudo que é ruim e separam tudo o que é bom, sinta essa merda boa sendo formada no seu intestino. Agora você sente novamente uma vontade absurda de cagar, cague. Sinta o alívio e o prazer, levante e observe o seu cocô, que agora já não fede e sua cor é rosa neon, se despesa dele e dê a descarga. Nesse momento você está livre de tudo que te deixa doente, de suas crenças limitantes e começa uma nova vida cheia de prosperidade e abundância. Namastê.

Cláudia/Cocoach: Pronto, agora vocês estão aptos a viverem a vida dos sonhos. Estou muito orgulhosa dos meus *coachees*, vamos agora oferecer ao universo RISADAS DE GRATIDÃO. Obrigada a todos.

(Claudia tem um copo na mão; finge que vai beber, mas vira dentro da privada. Reação da “pasta de elefante” acontece dentro da privada e vai crescendo, como se fosse a merda toda voltando. Atores abrem as portas do fundo da sala Qorpo Santo, onde o carro está ao fundo com o farol ligado. Eles despedem-se, entram no carro e fecham as portas do fundo.)